

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MARIA JULIA SARRAFF
REBECCA DOS SANTOS TEIXEIRA

ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NA OBRA *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2021

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MARIA JULIA SARRAFF
REBECCA DOS SANTOS TEIXEIRA

ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NA OBRA *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Intertextualidade / Literatura de Língua Inglesa

Orientador(a): Camila Paula Camilotti

PATO BRANCO – PR
2021



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autoras: **MARIA JULIA SARRAFF; REBECCA DOS SANTOS TEIXEIRA**

Título: **ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NA OBRA AS
CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA**

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 20/08/2021,
pela comissão julgadora:

Profa. Dra. Camila Paula Camilotti - UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dra. Mariese Ribas Stankiewicz – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Prof. Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Obs: O aluno deverá encaminhar, no prazo de **5 (cinco) dias úteis** a contar da data da defesa, **exemplar definitivo do TCC**, para arquivamento, conforme as normas definidas pelo Regulamento do Curso e normativa da Biblioteca da UTFPR.

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a M.^a Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus de quem veio toda a inspiração e a capacitação para concluirmos este trabalho e o curso. A Ele toda a honra e toda a glória, porque nada temos que dEle não tenhamos recebido.

A nossa família, Taise Sarraff, Sarah A. S. T. Cunha, Ieda Matos dos Santos e Agnaldo Gonçalves Teixeira, os quais têm sido para nós os instrumentos com os quais o Senhor nos lapida e nos torna mais preciosas.

A nossa orientadora, professora Camila Paula Camilotti, por toda sua paciência, instrução, apoio e palavras motivadoras que nos incentivou durante todo o percurso, desde o planejamento até a conclusão do trabalho.

A todos os nossos professores e professoras, em especial aos professores Denilson Soares Cordeiro, Rodrigo Alexandre Xavier, Pedro Afonso Barth, Leandro Zago; e às professoras Mariese Ribas Stankiewicz, Rosângela Marquezi, que nos marcaram, nos inspiraram, e até mesmo provocaram algumas instabilidades que nos motivaram a crescer. Se a semente que cai na terra não morre, não produz fruto. Mas com a pressão, ela rompe a casca e brota em direção à luz.

Aos nossos caríssimos amigos, Bruno Paludo e Kauander Stefani de Souza por terem partilhado conosco as conquistas e os sofrimentos da jornada acadêmica. Bem-aventurados fomos!

Aos nossos colegas de curso, os quais nos proporcionaram uma importante lição sobre amar incondicionalmente.

O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós.

Eclesiastes 1:9

RESUMO

SARRAFF, Maria Julia; TEIXEIRA, Rebecca dos Santos. Análise da intertextualidade bíblica na obra *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*. 2021. 70p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2021.

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo apresentar uma análise de intertextualidade de elementos cristãos e religiosos encontrados no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (1950) de uma série de sete contos da obra *As Crônicas de Nárnia* de autoria de C. S. Lewis. Buscamos, à luz de alguns teóricos, expor neste trabalho as relações intertextuais entre o conto e passagens específicas da Bíblia Sagrada, fazendo comparações de trechos encontrados no livro com versículos bíblicos. Dividido em três capítulos, este trabalho primeiramente discorre sobre o autor e as influências que sofrera, as quais influenciaram diretamente na produção da obra e sobre a obra em questão; em segundo lugar, discorreremos sobre a definição do termo intertextualidade que originou com Julia Kristeva (2005) e seus desdobramentos com o teórico Gérard Genette (2010), que deram embasamento para as análises; e, por fim, a análise das comparações de seis trechos escolhidos do livro em que há intertextualidade com trechos da Bíblia. Na análise concluímos que as teorias são bem similares e que a predominância da intertextualidade presente nos trechos é da alusão, definida por Genette.

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Cristianismo. Intertextualidade. *As Crônicas de Nárnia*. C. S. Lewis.

ABSTRACT

SARRAFF, Maria Julia; TEIXEIRA, Rebecca dos Santos. Analysis of biblical intertextuality in *The Chronicles of Narnia: The Lion, the Witch and the Wardrobe*. 2021. 70p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2021.

The aim of this research is to present an intertextuality analysis including Christian and religious elements found contained in the book *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (1950) which is part of a seven book series, *The Chronicles of Narnia*. Considering the theories of Julia Kristeva and Gérard Genette we searched to bring forward in this monograph intertextual relations between some excerpts from the text with some excerpts from the Holy Bible comparing both. Our monography is divided in the chapters, the first one is about the author and all influences which were imparted to this writing pieces and about the chosen book; the second is about the definitions of the term intertextuality first used by Julia Kristeva (2005) and its following theory with Gérard Genette, (2010) both which based our analysis; and lastly the six chosen excerpts comparisons analysis which presented relation with excerpts from the Bible. In the analysis we concluded that both theories are similar and the majority of the analyzed excerpts fitted in the definition of allusion.

Key-words: English Literature. Christianity. Intertextuality. The Chronicles of Narnia. C. S. Lewis.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. CAPÍTULO UM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DE C.S LEWIS E AS CRÔNICAS DE NÁRNIA	14
1.1. Clive Staples Lewis	14
1.2. As Crônicas de Nárnia.....	24
1.3. O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa	30
2. CAPÍTULO DOIS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS TEORIAS DE INTERTEXTUALIDADE	36
2.1 Intertextualidade	36
2.2 Intertextualidade e Hipertextualidade.....	40
3. CAPÍTULO TRÊS: AS CRÔNICAS DE NÁRNIA E A BÍBLIA: ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE ENTRE O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA E A BÍBLIA SAGRADA	49
3.1. A hipertextualidade em <i>O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa</i>	49
3.2. Comparação 1: A loucura do cristianismo e a loucura de Lúcia.....	50
3.3. Comparação 2: O poder desse nome	52
3.4. Comparação 3: Diante das divindades	56
3.5. Comparação 4: Mudança de Estação.....	57
3.6. Comparação 5: A voz divina	61
3.7. Comparação 6: Residindo na eternidade.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

A obra do escritor irlandês C. S. Lewis, *As Crônicas de Nárnia*, tem sido amplamente estudada na questão da sua intertextualidade com a narrativa Bíblica. A Bíblia é um livro clássico e Sagrado escrito por homens que, segundo a crença cristã, foi inspirada por Deus e sua relevância se dá por trazer inúmeros relatos históricos, valores e princípios que se relacionam com a vida em sociedade até hoje. Mesmo sendo muito antiga, a Bíblia ainda é um dos livros mais vendidos do mundo.

Muitos trabalhos têm abordado a relação do enredo das narrativas de Lewis com a bíblia, como, por exemplo, a dissertação de mestrado de Sabrina Gonçalves: *O intertexto bíblico na literatura juvenil: As Crônicas de Nárnia, De C. S. Lewis* (2015); e a de Priscila Souza Mota: *Uma proposta de estudo sobre as relações dialógicas entre As Crônicas de Nárnia e o 1º e 2º capítulos do livro de Gênesis* (2017); o trabalho de conclusão de curso de Jessica de Oliveira: *Arquétipos em As Crônicas de Nárnia: Aslam e sua relação com o universo cristão* (2018); e o artigo de Thayane Souza da Silva: *A intertextualidade na obra As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago* (2016).

Todos os trabalhos mencionados acima trazem, em seu *corpus*, a intertextualidade existente entre a obra em questão com a Bíblia.

Sabrina Gonçalves discorre sobre a teoria da intertextualidade, baseando-se nos estudos de alguns teóricos como Julia Kristeva, Gérard Genette e Antoine Compagnon sendo o foco alguns livros das *Crônicas de Nárnia* com a Bíblia, em específico *O Sobrinho do Mago* com Gênesis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* com o início do Novo Testamento e *A Última Batalha* com Apocalipse e analisa sua classificação voltada para o público jovem.

Priscila Mota em sua pesquisa procura, de acordo com os estudos de Bakhtin, mostrar as relações dialógicas entre os dois primeiros capítulos do primeiro livro da bíblia com dois capítulos do primeiro livro das *Crônicas de Nárnia*.

Jessica de Oliveira nos traz em suas análises o estudo dos arquétipos religiosos presentes nos três contos *O Sobrinho do Mago*, *O Leão, a Feiticeira e*

o *Guarda-roupa*, *A Última Batalha*, e foca no arquétipo estabelecido por Aslam, usando autores como Carl Gustav Jung e Joseph Campbell.

Thayane da Silva, em seus estudos considera as definições de Julia Kristeva sobre intertexto, focalizando em sua análise as referências bíblicas somente de um livro das Crônicas, que é *O Sobrinho do Mago* e sua relação com o livro de Gênesis afim de verificar qual tipo de intertextualidade se apresenta nessa relação.

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar os elementos cristãos mais sutis presentes nas entrelinhas da obra de C.S. Lewis por meio das teorias intertextualidade e da hipertextualidade com o texto bíblico. Para esta análise, escolhemos o livro *O Leão a Feiticeira e o Guarda-roupa*.

Diante disso, buscamos responder a seguinte questão investigativa: De que maneira, e em que momentos da narrativa, se dá a intertextualidade implícita entre a Bíblia e a obra de C. S. Lewis?

A crença da humanidade em quaisquer divindades afeta, em maior ou menor grau, sua formação antropológica, de modo que é importante analisar o quanto as obras literárias são influenciadas pelo caráter religioso de seus autores, e como isso afetará os leitores dessas obras.

Existe um vínculo do anseio do ser humano estabelecido pela relação entre a antropologia e a religião conforme afirma o pesquisador Emanuel Pereira de Lira (2011) no artigo *O sagrado e a intertextualidade bíblica em "As crônicas de Nárnia"*, que se manifesta na literatura e que é pertinente de ser investigado. As narrativas literárias que abordam os temas religiosos por meio da criação de mundo imaginários, nos quais as aventuras dos protagonistas refletem aspectos dos pensamentos humanos sobre a origem da existência, o natural e o supranatural, são expressivas para buscar uma compreensão das relações entre a humanidade e o divino. É relevante perceber a influência das religiões na literatura, a sobre isso Lira ainda fala:

A dicotomia entre religião e antropologia permite-nos fazer essa ligação entre o homem e seu relacionamento com sua origem divina, ou seja, podemos chegar à conclusão de que seu relacionamento com um deus de quem ele acredita ter sido criatura influencia em sua formação antropológica. Não estamos falando apenas do Deus Criador, que é pregado pelas religiões judaico-cristãs, mas de forma geral, isto é, de uma entidade que qualquer ser humano pode acreditar ter poderes

sobrenaturais sobre ele ou sobre o mundo que o cerca, independente da religião ou do dogma que o indivíduo obedece. (LIRA, 2011, p. 52).

A crença do autor de *As Crônicas de Nárnia*, Clive Staples Lewis está amplamente difundida em suas obras. O contexto histórico no qual C. S. Lewis nasceu e cresceu teve influência direta sobre sua obra, como observa Lira:

A Igreja, antes ridicularizada por essa classe [aristocracia], passou a aliar-se a políticos e teve um *evangelical revival* causado por um sentimento de filantropia cristã. O fortalecimento da Igreja depois da Revolução Francesa contribuiu para que o cristianismo evangélico se fortalecesse nos anos seguintes em direção à Era Vitoriana. Foi nesse contexto de fortalecimento do cristianismo, da influência da Era Vitoriana e da superioridade intelectual favorecida pela leitura erudita dos britânicos do final do século XIX, que nasceu C. S. Lewis, em 1898. (LIRA, 2011, p. 51).

Conseqüentemente, devido a esse fortalecimento do cristianismo podemos observar os elementos cristãos inseridos na literatura secular.

Para entender melhor essa influência, é necessário voltar aos primeiros anos de vida de Lewis em que o autor teve contato com a fé cristã, porém, de forma muito superficial e compulsória, o que fez com que ele, aos 13 anos, abandonasse a fé cristã pela influência intelectual que recebeu em diversas circunstâncias e de mentores que consideravam a religião uma ilusão.

O reestabelecimento de sua fé manifestou-se em 1939 devido a um longo processo que Lewis descreve em sua autobiografia *Surpreendido pela alegria* (1955), no qual sofreu influências de escritores e de amigos que fizeram ressurgir de dentro dele o interesse pelo imaterial, o qual ele afirma ter estado presente desde a infância.

A conversão de Lewis é uma circunstância de imensa importância para sua obra, pois foi a partir desse momento que sua obra se tornou notória. Ele começou a escrever textos de caráter apologético e, no contexto pós-guerra, seus textos tiveram grande repercussão e aceitação do público. Mais tarde, então, ele decide escrever literatura infantil: *As Crônicas de Nárnia*. Nos sete livros que compõem as crônicas é possível observar relações diretas e indiretas com passagens da Bíblia o que atribui à obra de Lewis um caráter notoriamente cristão.

As Crônicas de Nárnia, publicada entre 1950 e 1956, é uma coletânea que abarca um conjunto de sete livros literários de ficção, escritas por C. S. Lewis

entre 1949 e 1954, que relatam as histórias e aventuras vividas no mundo de Nárnia por aqueles que moram ou que passam a conhecer a nova terra. Os sete livros que compõem a coletânea são: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (1950), *Príncipe Caspian* (1951), *A viagem do peregrino da alvorada* (1952), *A cadeira de prata* (1953), *O cavalo e seu menino* (1954), *O sobrinho do mago* (1955), *A última batalha* (1956), na ordem de publicação.

A Bíblia é um livro clássico e Sagrado escrito por homens que, segundo a crença cristã, foram inspiradas por Deus e sua relevância se dá por trazer inúmeros relatos históricos, valores e princípios que se relacionam com a vida em sociedade até hoje. Mesmo sendo muito antiga, a Bíblia ainda é um dos livros mais vendidos do mundo.

Diante disso, podemos analisar as obras de Lewis à luz dos estudos da intertextualidade, uma vez que existem influências diretas e indiretas de trechos Bíblicos em seus enredos.

A teoria da intertextualidade foi concebida por Julia Kristeva em seu livro *Introdução a Semianálise* (1969) e anteriormente a relação entre os textos era apenas tratada com o uso dos termos “fonte” e de “influência”. Kristeva apoiou-se na obra de Mikhail Bakhtin para conceber sua definição de intertextualidade

Bakhtin foi o primeiro teórico a estudar sobre as relações de um texto com o outro, mas embora o termo proposto por ele tenha sido foi “dialogismo”, como conforme observa Oliveira (2018, p.14):

Segundo Kristeva, a intertextualidade só ocorre quando o leitor encontra aspectos de um texto em outro. Desta maneira a intertextualidade se dá primeiramente de duas formas: explícita e implícita. Na primeira ela ocorre através da explicitação da fonte, citações e referências a outros textos. Já na forma implícita ela acontece sem que a fonte seja dita, mas sim com o uso de paródia, ironia, paráfrase e personificação, temos então a utilização de arquétipos. (OLIVEIRA, 2018, p.14-15)

Portanto, é possível identificar um texto em outro sem que o autor o tenha especificado, mas por meio de comparação e análise encontraremos a intertextualidade implícita do hipotexto na obra.

Kristeva ainda diz que:

[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de

intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade e a linguagem poética lê-se, pelo menos, como *dupla*. (KRISTEVA, 1969 p. 68).

Ou seja, enunciados sempre retomarão enunciados anteriores, sempre existirá um diálogo entre um texto e outro, fazendo com que exista a intertextualidade. Várias alusões a diversos textos bíblicos podem ser encontradas no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, e o objetivo deste trabalho é analisar qual tipo de relação intertextual é estabelecida nesses trechos. Para alcançar esse objetivo focaremos nas teorias de Julia Kristeva sobre a intertextualidade e Gérard Genette sobre transtextualidade por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico e analítico.

No que tange à estrutura da presente pesquisa, esta contém três capítulos: No primeiro capítulo apresentamos um panorama sobre os aspectos da vida de Lewis que influenciariam na escolha do seu estilo literário, imprescindíveis para a compreensão contextual da obra. No segundo subitem desse capítulo apresentamos uma exposição dos livros que compõem *As Crônicas de Nárnia*, mostrando como seus enredos se relacionam com o texto bíblico.

No segundo capítulo traçamos um percurso acerca da discussão teórica da intertextualidade que começa com Julia Kristeva e seguimos para as definições do autor Gérard Genette, que reformula as relações intertextuais e sugere a nomenclatura de transtextualidade ao que até então vinha sendo chamado de intertextualidade.

No terceiro capítulo, fazemos a distinção da nossa análise com a de algumas análises já feitas na área da hipertextualidade e trazemos a análise dos trechos pontuais do livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* em que há presença de alusões com passagens bíblicas diversas e específicas. São passagens que apenas o leitor atento, e que conhece ambos os textos conseguem perceber. Essa análise é importante, pois mostra o quanto o texto de Lewis está imerso na cosmovisão cristã trazendo os aspectos do Cristianismo mais sutis para o enredo da obra.

1. CAPÍTULO UM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DE C.S LEWIS E AS CRÔNICAS DE NÁRNIA

1.1. Clive Staples Lewis

Clive Staples Lewis nasceu na Irlanda, no dia 29 de novembro de 1898. Cresceu com sua família, Albert James Lewis, pai; Florence Augusta Lewis, mãe; Warren Hamilton Lewis, irmão; e duas empregadas que auxiliaram em sua educação: Martha Barber e Sarah Ann Conlon. Eles moravam em Belfast, no condado de Down.

Lewis sempre fora apegado a seu irmão, a quem chamava de Warnie, e os dois tinham liberdade de estarem sempre brincando juntos e de exercitarrem, desde cedo, uma poderosa imaginação para criar “reinos imaginários e terras estranhas”, como aponta um de seus biógrafos Alister McGrath, em *A vida de Lewis do ateísmo às Terras de Nárnia*:

Os dois irmãos habitavam mundo criados pela imaginação, e registraram parte disso por escrito. Lewis escreveu sobre animais falantes em “Animal-Land” [Terra dos Animais], e Warnie escreveu sobre a “Índia” (mais tarde associada com a igualmente imaginária terra de Boxen). (MCGRATH, 2013, p. 28)

Já na infância, Lewis foi exposto a uma quantidade extensa de literatura, e lembrava que, por toda a casa, havia pilhas e pilhas de livros. O clima úmido, de chuva constante e a paisagem de Little Lea, como era alcunhada a casa na Circular Road em Strandtown, foram facilitadores para proporcionar um estímulo imaginativo que respondia ao anseio por circunstâncias mais satisfatórias (MCGRATH, 2013). Essa rotina de leitura se intensificou ainda mais quando seu irmão foi enviado para um internato na Inglaterra e Lewis continuou em casa, e era educado por sua mãe e pela governanta. Nesse período, ele se viu sozinho, sem amigos, e seu único refúgio era a literatura. Seus pais tiveram grande importância nesse aspecto, pois ambos se interessavam por literatura e proporcionaram um pequeno acervo ao qual ele tinha acesso e que contribuiu para manifestar em Lewis interesses que direcionariam sua vida até o fim.

Entretanto, embora tendo herdado dos pais o gosto pela leitura, Lewis percebeu que a sua preferência literária se diferenciava da deles. O gosto por elfos e pela literatura de ficção foi inato em Lewis, pois seus pais não gostavam

desse tipo de literatura. Ele gostava de Keats e Shelly, enquanto seus pais, que eram inteligentes e estudiosos, apreciavam literatura mais canônica, como, por exemplo, Dickens e W. W. Jacobs, autores da preferência de seu pai; e Meredith e Tolstói, autores da preferência de sua mãe. O interesse pela religião não se fundamentou nessa época. Embora tivesse sido ensinado a orar e ir à igreja, e aceitasse de bom grado o que lhe ensinavam, Lewis ainda não tinha devoção profunda pela crença cristã. O contexto histórico de seus primeiros anos de vida foi favorável ao embasamento do cristianismo em sua infância, e na sua adolescência, mas não gerou raízes profundas, sendo que aos 13 anos, quando começou a frequentar o colégio preparatório Cherbourg School, em Malvern, no qual estudou no período de 1911 e 1913, logo desistiu da fé.

Em sua autobiografia *Surpreendido pela alegria* (1955), Lewis lista uma série de circunstâncias que contribuíram para que ele abandonasse a fé cristã. Uma das primeiras circunstâncias listadas é a influência de uma inspetora da escola envolvida com tradições ocultistas anglo-americanas, como ele denomina. E a presença dela em seu dia-a-dia foi preparando em sua mente o terreno para descrença, conforme ele mesmo diz: “pouco a pouco, inconsciente, inocentemente, ela afrouxou toda a estrutura, arredondou todas as arestas agudas, da minha crença” (LEWIS, 1998, p.67)

Outra circunstância foi a leitura dos clássicos como influências conscientes de questionamento da fé, especificamente Virgílio, e destaca como o posicionamento dos professores e editores que consideravam todas aquelas ideias religiosas como completa ilusão (LEWIS, 1998) o influenciou. E, logo, não estava mais claro para ele como o cristianismo, dentre todas as outras religiões do mundo inteiro, calhava em ser a única religião correta.

Dentre essas circunstâncias, houve outras como a visão pessimista que ele adquirira desde a morte de sua mãe, e devido a uma deficiência que tinha nas mãos, por ter apenas uma articulação nos polegares, fazendo com que ele pensasse que “o universo era uma instituição um tanto lamentável” (LEWIS, 1998, p. 71). A influência de um jovem professor em Cherbourg School, e ainda a importante tutoria de William Thompson Kirkpatrick, cujos métodos contribuíram muito para o crescimento intelectual de Lewis, e o ensinaram a argumentar para defender sua descrença. Ao tempo em que terminara sua tutoria com Kirkpatrick, Lewis se tornou adepto do pensamento materialista e,

para isso, em dado momento, ele pensou que precisaria tomar a decisão de ignorar parte de seus gostos que incluía a adoração pela mitologia e pelas literaturas que estimulassem a imaginação.

Contudo, suas experiências literárias com frequência o levaram para o lado oposto dessa escolha. Quando começou a ler o poeta mítico irlandês William Butler Yeats percebeu que havia uma linha de pensamento imaterial que parecia lhe fazer sentido. É quando ele descreve que começou a surgir uma dúvida sobre o seu materialismo:

Mas uma gota de perturbadora dúvida penetrou no meu materialismo. Era meramente um 'talvez'. Talvez (ó alegria!) houvesse, afinal de contas, "algo mais"; e (ó confirmação!) tal vez nada tivesse a ver com a teologia cristã. Assim que estacionei naquele "talvez", inevitavelmente toda a antiga tradição ocultista, e toda a velha empolgação que a inspetora de Chartres inocentemente despertara em mim, acabaram voltando do passado.

Agora um perigo mais mortal era iminente. Duas coisas até então largamente separadas na minha mente atacavam juntas: o anseio imaginativo pela Alegria, ou antes o anseio que *era* a Alegria, e o sequioso e quase lascivo desejo pelo Oculto, o Sobrenatural. (LEWIS, 1998, p. 184)

Lewis justifica que, como autores como Yeats e Maurice Maeterlinck não eram cristãos e, sim, “escritores cultos e responsáveis”, o que eles escreviam “devia merecer consideração”, afinal ele encontrava “pessoas, não tradicionalmente ortodoxas, que assim mesmo rejeitavam de forma decisiva toda a filosofia materialista”. Nesse momento, ele retoma a consciência de seu profundo interesse pela realidade sobrenatural e diz que o que o impediu de seguir por caminhos do ocultismo ou magia foi a falta de coragem e de pessoas que pudessem influenciá-lo.

A leitura desses dois autores preparou o terreno para a leitura que mais causaria abalo, mesmo que gradual, às convicções ateístas de Lewis, o livro *Phantastes* de George MacDonald. Como aponta McGrath:

No entanto, Lewis descobriu que sua imaginação e sua razão o arrastavam para direções totalmente diferentes. Ele continuava se vendo às voltas com experiências de profundos sentimentos de desejo, às quais havia anexado o nome de “alegria”. A mais importante delas aconteceu no início de março de 1916, quando ele apanhou por acaso um exemplar do romance fantástico de George MacDonald, *Phantastes*. (MCGRATH, 2013, p. 51)

George MacDonald foi um escritor, poeta e ministro cristão escocês. Em seu livro *Phantastes* ele fez alusão de forma fantástica às circunstâncias que um cristão passa em jornada, estilo de literatura que se vê claramente em *As Crônicas de Nárnia*. O jovem Lewis, porém, jamais poderia prever que aquele ato aparentemente aleatório de escolher um romance para ler enquanto viaja de trem nutriria a semente esquecida da fé em seu âmago. Esse livro é considerado por Lewis uma das influências mais importantes no processo de sua conversão. Apesar de não estar ciente dele, o processo acontecia a cada nova leitura que o forçava a cruzar novamente as fronteiras da imaginação que ele relegara por considerar incompatível com as filosofias que seguia. Em outro ponto de sua autobiografia, ele ainda aconselha a quem quer ser um *ateu devoto* que tome cuidado com as escolhas de leitura, pois, segundo ele, as obras o enredaram de volta a fé.

Tudo isso remonta o período às vésperas de sua entrada em Oxford. Ele não conseguiu ser aprovado exatamente na faculdade que escolhera porém, sua nota foi boa o suficiente para impressionar os professores que o convidaram para ingressar na University College com uma bolsa de estudos. Entretanto, devido à guerra, ele passou apenas alguns meses na universidade antes de ser convocado. À sua experiência na guerra, Lewis não agrega muito valor, pois mesmo antes de participar dela e até depois esforçou-se ao máximo para que seus acontecimentos não lhe ocupassem a mente.

Foi nesse período, na ocasião em que foi retirado do regimento por ser afligido pela febre da trincheira e ficou retirado durante três semanas em um hospital improvisado em um hotel da região, que ele conheceu o autor Gilbert Keith Chesterton, o qual seria de grande importância na fase final do seu ateísmo e conversão ao teísmo, com o livro *The everlasting man*. E ele confessa: “Na leitura de Chesterton, como na de MacDonald, eu não sabia aquilo em que me estava enredando” (LEWIS, 1998, p. 196)

Além de Chesterton, outra influência importante na época da guerra foi seu amigo Laurence Johnson que era cristão. Ao conhecê-lo, Lewis comenta que pela primeira vez em sua apostasia considerou que as “virtudes mais rígidas pudessem ter alguma relevância à vida de uma pessoa” (LEWIS, 1998, p. 196). Em 1918, Lewis sairia da guerra por causa de um ferimento de granada, que o

levaria de volta para a Inglaterra. Ele voltou para Oxford depois que recebeu alta do hospital, onde ficaria pelos próximos 45 anos. Em Oxford, suas amizades iniciais que, a princípio não tinham nenhuma ligação com o cristianismo, também foram de grande importância para o desfecho ao qual estamos nos aproximando. São eles: A. K. Hamilton Jenkin, Owen Barfield e A. C. Harwood.

O desmoronamento lento, porém, eficaz da sua certeza na apostasia começou a se tornar grave quando Barfield e Harwood se converteram ao antroposofismo. Essa crença não tinha ligação firme com o cristianismo, mas abalou fortemente as convicções de Lewis.

Ele se sentiu compelido a rever as certezas que tinha construído e de maneira muito confortável aderiu à linha de pensamento hegeliana sobre A Mente Absoluta ou Absoluto, como ele se refere em seu livro, que garantiam a ele, muito hipocritamente, desfrutar de “todas as conveniências do Teísmo sem acreditar em Deus” (LEWIS, 1998 p. 217). Então voltou-se para o idealismo.

Ao tempo em que ele ingressou novamente para cursar mais um ano, agora, na Escola de Inglês, conheceu mais um precioso amigo que o encaminhou mais ainda para o reestabelecimento da fé, seu nome era Nevill Coghill que era “nitidamente o mais inteligente e bem-informado dos homens da turma- era cristão e extremado supranaturalista” (LEWIS, 1998, p. 219) cuja postura cortês e honrosa fizeram Lewis repensar sua visão de mundo.

E logo em seguida, seus olhos se abriram para finalmente perceber que todas suas experiências como leitor apontavam inexoravelmente na direção oposta em que ele teimosamente insistia em trilhar.

J. R. R. Tolkien se juntou a esse círculo de amigos quando Lewis começou a lecionar na Faculdade de Inglês. Ele fundou o clube islandês no qual discutiam sobre o currículo do programa de língua inglesa e que “Lewis considerou esse ‘pequeno clube islandês’ um forte estímulo para a sua imaginação, que o empurrou de volta para ‘um sonho fantástico de céus nórdicos e música de valquírias” (LEWIS, 2004 *apud* MCGRATH, p. 117). A inibição de que fala é aquela que o fez suprimir toda a natural empolgação que lhe surgia pelas histórias mitológicas, pela imortalidade, pelos romances e a simplicidade que experimentara lendo MacDonald e caminhando nos campos com Greeves.

A adoração que ele tinha por mitologia fez com que ele escrevesse a seguinte conclusão: “Às vezes chego quase a pensar que fui enviado de volta

aos falsos deuses para adquirir alguma capacidade de adorar, à espera do dia em que o verdadeiro Deus me chamaria de novo para perto dele” (LEWIS, 1998, p. 80). Sua descoberta pela música de Wagner, o que ele descreve como sendo o marco em sua vida para distinguir “música” e “Música de Wagner” (LEWIS, 1998, p. 83), a busca pela “Alegria” e pelo entendimento dela também teve papel crucial em sua jornada de volta ao cristianismo. Conforme ele descobria novos autores, e revivia momentos de empolgação ele se reconectava com a aspiração pelo imaterial que sentiu desde a infância.

Paradoxalmente, enquanto de um lado ocorria o processo de desligamento da fé, por outro lado, o processo que acabaria por levá-lo de volta a fé acontecia concomitantemente. Era a sensação, a qual ele denominou de *alegria* em sua autobiografia, que estava sempre o direcionando para o lado oposto ao do ateísmo.

Lewis descreve essa situação como um jogo de xadrez e o título do capítulo no qual narra o desfecho de sua transição é “Xeque-mate”. Nesse ponto, ele diz que suas peças “estavam em posições extremamente desfavoráveis” e “Meu Adversário passou a desfechar seus últimos lances” (1998, p. 221). Um desses lances foi a necessidade que surgiu de rever o idealismo do filósofo George Berkely e ainda assim acreditando fazer distinção entre o “Deus” filosófico e “o Deus da religião popular” (LEWIS, 1998, p. 229).

Foi nesse contexto que Lewis leu *The everlasting man*, de Cherteston supracitado, e pode, então, admitir que o teísmo fazia sentido. E com essa leitura, ele descreve que se sentiu muito abalado. Adicionado a isso, “algo muito mais alarmante aconteceu” (LEWIS, 1998, p. 230). Um homem, que ele não nomeia, mas que caracteriza como o ateu mais inflexível que conhecera, confidenciou-lhe que os indícios históricos dos Evangelhos “eram de fato surpreendentemente bons” (LEWIS, 1998, p. 230) e que faziam parecer que tinham acontecido realmente. Ele escreve então: “E quase todos agora (de uma forma ou de outra) faziam parte da matilha: Platão, Dante, MacDonald, Herbert, Barfield, Tolkien, Dyson, a própria Alegria. Tudo e todos se haviam unido do outro lado” (LEWIS, 1998 p. 231).

E ainda nesse momento ele resistia, como que para prolongar um último fôlego de sua apostasia, em reconhecer que a existência de Deus se tornara inegável para ele. Ele descreve o dia em que finalmente orou novamente

reconhecendo a existência de Deus como uma noite que seguiu uma sequência de outras noites em que ele, sozinho em seu alojamento, esforçando-se o máximo para não se distrair de seu trabalho, pois toda vez que acontecia ele sentia “a aproximação firme e implacável d'Ele, aquele que com tanta determinação eu não desejava encontrar” (LEWIS, 1998, p. 234).

No período letivo subsequente à Páscoa de 1929, finalmente, ele admitiu que aceitar a existência de Deus era a escolha mais adequada para sua formação pessoal e intelectual, inclusive. Confirmado pelo biógrafo em: “E para sua tristeza, Lewis começou a perceber que os autores baseados numa visão cristã pareciam oferecer o mais flexível e persuasivo ‘acordo com a realidade” (MCGRATH, 2013, p. 121). Nessa noite, porém ele se convertia ao teísmo, mas não ainda ao cristianismo.

Após Lewis aceitar o teísmo, ainda faltava motivação para aceitar o cristianismo. Ele estava convencido da existência de Deus, mas ainda não acreditava que Jesus era o filho de Deus. A influência de Tolkien foi decisiva nessa questão e merece maior destaque segundo as palavras de McGrath: “Tolkien removeu o último obstáculo no caminho de Lewis rumo a sua descoberta da fé cristã” (2013, p.119). Tolkien passava muito tempo conversando com Lewis sobre a mitologia e foi em uma conversa decisiva de um sábado de setembro de 1931 que a visão de Tolkien sobre o cristianismo levou Lewis a aceitá-lo como verdadeiro.

Tolkien compartilhou com Lewis que a maneira como ele tentava compreender o cristianismo era o que o prejudicava a entender sua essência. Segundo McGrath, Tolkien aconselhou Lewis a sair de uma percepção racional do cristianismo e adquirir uma percepção imaginativa como ele fazia com os outros mitos. Entretanto, ele deveria considerar o aspecto que tornava o cristianismo o mais extraordinário mito de todos: “ele realmente aconteceu” (MCGRATH, 2013, p. 134).

Foi a partir desse momento Lewis incorporava a visão que Tolkien tinha sobre os mitos: algo capaz de dizer verdades profundas e fundamentais, e não mentiras contadas para enganar. E por esse motivo, o mito pode despertar nas pessoas “o desejo de alcançar algo situado além de seu alcance” (MCGRATH, 2013, p. 135). E o próprio Lewis mais tarde definiu o mito como: “um real embora

desfocado vislumbre da verdade divina incidindo sobre a imaginação humana” (LEWIS *apud* MCGRATH, 2013, p. 135).

Um exemplo na obra de Lewis da imaginação para representar verdades da realidade é a escolha do livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* de mostrar o enfraquecimento do poder da feiticeira como o fim do inverno em paralelo com o processo de conversão de Lewis e com o que ele sentia ao perceber Deus mais próximo dele. O próprio Lewis usa uma imagem visual semelhante em *Surpreendido pela alegria*, dizendo que se sentia como um boneco de neve derretendo.

Como aponta McGrath, “o derretimento da neve, significando a quebra do poder da feiticeira e o iminente retorno de Aslam” (MCGRATH, 2013, p. 125) e pode ser comparada com a resistência de Lewis “ao advento do divino” que acontecia pouco a pouco como o movimento de liquefação da neve. Nesse período ocorria o que é citado tanto em *Surpreendido pela alegria* como na biografia escrita por McGrath, a *Renascença Religiosa Inglesa* em que alguns autores, como: G. K. Chesterton (1874-1936), Graham Greene (1904-1991), T. S. Eliot (1888-1965) e Evelyn Waugh (1903-1966), começaram a se converter ao cristianismo por causa da maior coerência dessa crença do que qualquer outra, inclusive a apostasia, com seus interesses, como citado por McGrath (2013, p.121, grifos do autor): “Apesar de tudo, Lewis se encaixa num padrão mais amplo dessa época: a conversão de autores e intelectuais da literatura *por causa e por intermédio* de seus interesses literários.”

A história de conversão de Lewis é de extrema importância para o entendimento da escolha dele em produzir histórias permeadas de alegoria com o cristianismo. Na narrativa de *Surpreendido pela alegria* ele estabelece uma relação clara, que a princípio se mostra contraditória, entre seus interesses pelo imaterial e sua formação intelectual. Como aponta McGrath:

Qualquer tentativa de contar a história da conversão de Lewis tem de investigar e relatar os eventos de seu mundo exterior e interior. Lewis faz isso em *Surpreendido pela alegria*, contando a história de dois mundos completamente diferentes: seu mundo exterior de escolas inglesas e da Universidade de Oxford, e seu mundo interior de anseio pela “alegria”, atormentado por muito tempo por uma tensão entre o racional e o imaginativo.

De um lado, um mar coalhado de ilhas de poesia e mito, do outro, um “racionalismo” fácil e raso. Quase tudo o que eu amava, acreditava ser

imaginário; quase tudo o que acreditava ser real, eu julgava repugnante e absurdo. (MCGRATH, 2013, p. 124)

Sendo o cristianismo verdadeiro, ele preenchia todas as lacunas intelectuais e imaginativas que o haviam confrontado na juventude. Agora ele, continua McGrath, conseguia atribuir um sentido mais profundo de ordem que advinha da natureza de Deus para “a cultura, a história, a ciência e aos atos de criação literária” que era o objeto de estudo de sua vida.

É possível ver nas crônicas e em sua obra mais tardia *Till We Have Faces* (1956) a motivação e suporte teórico que sua fé trouxe a sua produção e o significado as suas leituras.

Lewis começou essa mudança em sua produção literária com uma escrita voltada para o estilo apologético em livros como: *O problema do sofrimento* (1940), *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (1942), *Cristianismo Puro e Simples* (1952), que vão tratar “de identificar, entender e defender preocupações e dificuldades de pessoas comuns acerca da fé cristã” (MCGRATH, 2013, p. 174).

Antes disso, Lewis não era conhecido popularmente. Seus escritos apologéticos tiveram grande repercussão durante e depois da Segunda Guerra. O ambiente criado pelos terríveis sentimentos da guerra era muito favorável para o aceitação do público a temas relativos a Deus e à religião. E fosse nesse ambiente que Lewis começou a ser publicado e ser procurado por editoras e ministros religiosos para falar sobre sua obra. Ele também teve ampla participação em programas de rádio tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos.

Porém, houve também uma grande repercussão negativa que essa escolha lhe causou, principalmente no meio da universidade de Oxford, onde então lecionava. Ela fez com que ele decidisse, mais tarde, usar a ficção e a simbologia ao invés da literatura apologética para abordar os temas cristãos por meio da imaginação e refletir as verdades sobre a realidade cristã de forma indireta:

Podemos perfeitamente ver Nárnia como a elaboração imaginativa do núcleo de ideias filosóficas e teológicas que Lewis havia desenvolvido desde meados da década de 1930, expressa de maneira narrativa em vez de racional. (MCGRATH, 2013, p. 218)

Lewis estava cada vez mais convencido de que “contos infantis lhe proporcionavam uma maneira maravilhosa de explorar questões filosóficas e teológicas — como a origem do mal, a natureza da fé e o desejo humano de Deus” (MCGRATH, 2013, p. 220). E ele atribuiu toda a criação da história a uma assimilação de elementos proporcionados por Deus os quais ele apenas reorganizou.

Assim, teve por objetivo falar de aspectos que julgava coerentes com a realidade e que ajudariam outros com o mesmo interesse a refletir sobre as questões comuns na jornada do cristianismo. Segundo McGrath (2013), as *Crônicas de Nárnia* elucidam a visão que os seres humanos têm de si mesmos, a forma como enfrentam seus vícios e de que forma buscam se transformarem durante a jornada terrestre para adquirir o caráter cristão. Dessa forma, a busca de significado e da virtude são temas fundamentais na obra.

Então, vemos que Lewis continuava a expor seu ponto de vista cristão, mas agora em forma de história fictícia e ainda para crianças, essa exposição se tornava mais discreta, e talvez, até mesmo evitasse ataques críticos os quais sofrera enquanto escrevia de forma apologética.

Nárnia nasceu na cristalização de todos esses processos, o que torna possível ao leitor cristão identificar em sua estrutura as reflexões acerca do cristianismo e suas implicações e também ao leitor cujo repertório literário possibilite tal identificação. Contudo, não foi Lewis que inventou a narrativa narniana. Ele se baseou na narrativa cristã da criação, queda e redenção, e consumação final (MCGRATH, 2013, p. 231).

E, conseqüentemente, as histórias objetivam elevar o pensamento aos interesses cristãos da moral, da bondade e da soberania de uma grande e eterna história por trás da finita história da humanidade. E nesse sentido a narrativa imaginativa é mais eficaz do que a apologética por permitir ao leitor se envolver na história:

O livro Cristianismo puro e simples nos possibilita entender ideias cristãs; as histórias de Nárnia nos permitem entrar na história cristã e experimentá-la, julgá-la por sua capacidade de dar sentido à realidade e de “sintonizar-se” com nossas mais profundas intuições acerca da verdade, da beleza e da bondade. (MCGRATH, 2013, p. 234)

Apesar da favorável resposta e reconhecimento popular às suas obras e do enorme sucesso delas após sua conversão, ficou claro que ele não se adaptou mais em Oxford. Surgiram três ocasiões em que ele poderia ter sido indicado para cargos e foi deliberadamente preterido, segundo seu biógrafo:

Seus relacionamentos no âmbito do corpo docente eram muitas vezes turbulentos e desagradáveis. A correspondência de Lewis durante o mês de maio de 1954 menciona abertamente uma “crise” no seio da Faculdade de Língua e Literatura Inglesa na Universidade Oxford que o tentava “ao ódio muitas vezes por dia”. (MCGRATH, 2013, p. 251)

Em 1954, Lewis foi convidado e unanimemente escolhido por uma comissão de sete acadêmicos para o posto de uma cátedra criada especificamente para ele na Universidade de Cambridge. Ele seria o primeiro catedrático de literatura inglesa medieval e renascentista da universidade.

Em 1956, Lewis se casou com Helen Joy Davidman Greshman cujos interesses matrimoniais foram ampla e abertamente questionados pelos amigos íntimos de Lewis, que nada souberam desse casamento. Mais tarde, os questionamentos deles se provaram corretos. Ela morreu em 1960. Em 1961, Lewis adoecera gravemente e morreu em 22 de novembro de 1963.

Em sua autobiografia, Lewis escreve que sente uma aproximação entre o começo e o fim de sua vida, que coincidem, entre outros aspectos, com os momentos da sua crença, enquanto que sua juventude e idade adulta, o período de descrença se destoa: “Na minha vida certamente as coisas se desenrolaram assim. Minha infância se identifica com o resto da minha vida; a meninice, nem tanto” (LEWIS, 1998, p.80).

1.2. As Crônicas de Nárnia

Tendo sua narrativa envolta em conceitos mitológicos e de histórias fantásticas, *As Crônicas de Nárnia* permitem ao leitor cristão uma maior aproximação e identificação ideológica. *As crônicas* é composta por 7 livros que são: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (1950), *Príncipe Caspian* (1951), *A viagem do peregrino da alvorada* (1952), *A cadeira de prata* (1953), *O cavalo e*

seu menino (1954), *O sobrinho do mago* (1955), *A última batalha* (1956), na ordem de publicação.

A narrativa de Lewis, cheia de encantamentos e tramas envolventes, cativa o leitor. O autor escreveu primeiramente com o objetivo de atrair a atenção do público infantil, porém, as histórias chamaram e chamam ainda a atenção também do público adulto, tanto que existem hoje adaptações cinematográficas inspiradas em alguns dos livros das crônicas, mostrando assim a grande repercussão que tiveram. O cinema traz os títulos: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, *Príncipe Caspian*, e *A Viagem do Peregrino da Alvorada*. Filmes que assim como os livros, fizeram muito sucesso entre o público infantojuvenil.

Histórias fantásticas, contos de fada e animais que falam fazem parte dos livros de Lewis, que foram escritos com tamanha criatividade e inspirados na Bíblia Sagrada. Há muitos anos, histórias fantásticas e religiosas eram ensinadas para crianças, e Lewis conseguiu juntar as duas, de forma que, nas entrelinhas das crônicas conseguimos, se analisarmos com atenção e com conhecimento prévio de teologia, perceber a intertextualidade com as narrativas bíblicas.

As Crônicas de Nárnia, ao mesmo tempo em que cativam o leitor com mistérios e grandes revelações, trazem também aspectos bíblicos, e serão esses aspectos encontrados no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* que analisaremos. A ordem de publicação dos livros é a seguinte: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* (1950), *Príncipe Caspian* (1951), *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), *A Cadeira de Prata* (1953), *O Cavalo e seu Menino* (1954), *O Sobrinho do Mago* (1955) e *A Última Batalha* (1956).

Porém a ordem cronológica da história é diferente. O início da história é apresentado no livro *O Sobrinho do Mago* (1955) composto por quinze capítulos. E é nesse livro onde tudo se inicia inclusive a criação de Nárnia que em comparação com a Bíblia podemos citar o livro de *Gênesis*, no qual Deus cria o mundo e tudo o que nele há.

A história do primeiro livro das *Crônicas* nos conta as aventuras de Digory e Polly, dois vizinhos muito amigos que acabam visitando novas dimensões. E em umas dessas visitas acabam presenciando a criação de Nárnia pelo leão Aslam. Infelizmente, quando os dois amigos entraram em Nárnia levaram consigo a feiticeira Jadis que, no decorrer da história, irá fazer muitas maldades

e trazer graves consequências para Nárnia. Esse fato da narrativa pode ser relacionado com a Bíblia, no livro de Gênesis revelando que, quando o mal entrou no jardim do Éden na figura de uma serpente, trouxe consequências devastadoras para a humanidade.

E é também neste mesmo livro que descobriremos algo muito relevante para o nosso trabalho: como o guarda-roupa (de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*) é criado. Quando Digory retorna para o mundo real, ele traz em seu bolso uma maçã e planta o miolo da fruta em seu jardim. Podemos relacionar a maçã que Digory trouxe, como sendo uma simbologia do início da criação do mundo, por Deus, no jardim do Éden, quando Adão e Eva se alimentavam de frutas. Pouco tempo depois, a planta começa a crescer e se torna uma linda árvore, e é da madeira dessa mesma árvore que o Guarda-roupa foi feito. E é a partir do guarda-roupa que na continuação do livro, Nárnia é descoberta por outros personagens.

O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa (1950) é o segundo livro na ordem cronológica porém, como o analisaremos no tópico seguinte, seguiremos no presente tópico com o próximo livro da sequência: *O Cavalo e seu Menino* (1954) composto por quinze capítulos. Cabe mencionar que é importante passarmos pelos livros que compõem *As Crônicas de Nárnia* para compreendermos os acontecimentos da narrativa de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, que é especificamente analisado nesta pesquisa.

A história do Cavalo e seu Menino ocorre no mesmo período em que Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia estão reinando em Cair Paravel. O enredo se passa totalmente nos universos de Nárnia, sem idas e vindas ao outro mundo, como acontecem nos outros livros. Por conta disso, o livro não influencia de forma direta nos outros livros e também não recebe muita influência deles.

Na história o menino Shasta, ao descobrir que seria vendido como um escravo, acaba fugindo com o cavalo falante Bri, que o alertara que se fosse comprado sofreria muito nas mãos de seu dono. E juntos, cavalo e menino vivem muitas aventuras, e Aslam sempre os acompanhou, embora de longe e muitas vezes sem que eles perceberem sua presença. Podemos notar na Bíblia, no Novo Testamento, na fala de Jesus, algo relacionado com a presença sempre constante de Aslam em relação ao menino Shasta, quando Jesus disse: “Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que

eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (MATEUS 28:20). Por fim, Shasta descobre que é um príncipe e tem um irmão gêmeo chamado Corin. Eles foram separados na infância, mas no final da história se reencontram.

É também no livro *O Cavalo e Seu Menino* que Edmundo tem uma de suas falas mais bonitas, quando, em uma situação, alguns personagens discutiam sobre o que iriam fazer com um prisioneiro chamado Rabadash, que havia feito maldades, Edmundo responde a Peridan:

- Vossa Majestade tem todo o direito de decepar-lhe a cabeça - opinou Peridan. - Um assalto como este colocou Rabadash no nível dos assassinos.
- Pura verdade - disse Edmundo. - Mas até um traidor pode corrigir-se. Conheço um. - E assumiu um ar pensativo. (LEWIS, 2009, p. 293).

Nesse trecho, Edmundo estava falando dele mesmo, pois no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* ele é um grande traidor de Nárnia, porém arrepende-se de suas atitudes e recebe o perdão de Aslam.

Seguindo a ordem, o próximo livro é *Príncipe Caspian* (1951) composto por quinze capítulos. A história começa com a volta de Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia para Nárnia, depois de um ano que os irmãos tinham deixado Nárnia: estão todos em uma estação de trem quando de repente se encontram em Nárnia para uma nova aventura. Descubrem que muitos anos se passaram na terra mágica, pois lá o tempo passa de forma diferente e uma nova guerra está acontecendo. Então, todos se unem com o objetivo de ajudar o príncipe Caspian a acabar com a guerra e de novo reestabelecer a paz. Nárnia tinha sido invadida por um povo chamado Telmarino, e o príncipe Caspian não sabia nada disso, quando certo dia seu professor lhe conta toda a verdadeira história, que realmente Nárnia era uma terra mágica, feita por Aslam, que antes era habitada por animais falantes, faunos, anões, centauros... Entretanto seu tio Miraz não queria que ele soubesse sobre a verdadeira história de Nárnia, para não o comprometer, pois temia que os narnianos tomassem a terra que eram suas por direito, e não do povo telmarino. Príncipe Caspian, diferentemente de seu tio, tem o coração quebrantado e sente muito pelos acontecidos em Nárnia e pelo o povo narniano, e por essa causa decide lutar. Ao contar a história, o professor

manteve viva a lembrança do passado, dos tempos de paz e alegria e também esperançoso de que o auxílio viesse de alguma parte.

O próximo livro na sequência, *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), que contém dezesseis capítulos, conta com novas aventuras e também um novo personagem, que é Eustáquio, primo dos irmãos Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia. Nesse livro, apenas Edmundo, Lúcia e Eustáquio viajam para Nárnia. Indo para as terras fantásticas de Nárnia, Eustáquio era um menino muito mal-educado e egoísta, porém lá ele passa por situações difíceis e aprende lições valiosas, que o fazem rever suas atitudes. Então ele volta para sua terra natal sendo uma nova pessoa. Podemos relacionar o personagem Eustáquio com aqueles que de acordo com a segunda carta de Paulo aos Coríntios, se tornam uma nova criatura a partir do momento em que conhecem Jesus Cristo. Eustáquio conhece Aslam e vive tantas aventuras em Nárnia que fazem com que ele se torne uma nova pessoa, totalmente diferente de como era no passado. Ou seja, o encontro de Eustáquio com Aslam pode ser comparado ao encontro das pessoas com o Evangelho de Cristo.

O próximo livro é *A Cadeira De Prata* (1953), que em dezesseis capítulos conta as aventuras de Eustáquio e Jill juntos em Nárnia. Jill é uma nova personagem, colega de Eustáquio, que nesse livro será muito importante. Os dois chegam em Nárnia e Aslam designa a eles uma importante missão: resgatar o desaparecido príncipe Rilian (filho de Caspian), que mais tarde no desenrolar da história descobriremos que foi enfeitiçado por uma feiticeira que o condenou a ficar sentado em uma cadeira de prata, para que o feitiço não fosse desfeito. Todos pensam que o pobre príncipe já nem existia mais, mas com a ajuda das crianças ele é libertado e a feiticeira é morta pelo próprio príncipe. A feiticeira verde e seus subjugados viviam no submundo de Nárnia, um lugar escuro, hostil e muito sombrio. Esse livro, assim como todos os outros das crônicas, possui fortes características cristãs.

Por fim, o próximo livro é *A última batalha* (1956), com dezesseis capítulos, que se assemelha com o livro de Apocalipse, encontrado na Bíblia Sagrada, que é também o último desse Livro. Logo no início do livro, o narrador nos apresenta um personagem chamado Manhoso que é um macaco arrogante, e que por acaso e infelizmente encontrou uma pele de leão boiando em rio e no mesmo momento planejou algo maldoso: vestir seu amigo Confuso,

um jumento, com a pele do leão, para que ele fingisse ser Aslam, e assim Manhoso conseguisse a atenção e submissão de muitos, pois Aslam era temido e respeitado por todos. O jumento, por ser muito ingênuo, aceitou o plano e por conta disso se instaurou uma confusão entre os narnianos, sendo esse o início da guerra.

O último livro das crônicas de Nárnia termina com a batalha final que ocorre no mundo mágico. Os vencedores, juntamente com Aslam e por causa dele, foram transportados para um novo lugar, uma nova Nárnia, sem maldade, sem pessoas más e onde guerras não mais acontecerão. Todos os personagens que viajaram do mundo real para Nárnia foram levados para esse novo lugar, exceto Susana, que, de acordo com a fala de Pedro, “já não é mais amiga de Nárnia” (LEWIS, 2009, p. 740). Susana encheu seu coração com as coisas do mundo real, esquecendo-se de Nárnia e de tudo aquilo que lá viveu. Deixou-se levar pela incredulidade, convencendo-se de que tudo não passou de uma imaginação.

Comparando com as Escrituras, aqueles que seguiram Aslam foram morar no céu, no lugar preparado para aqueles que perseverarem até o fim (Mateus 24:13). Já Manhoso e aqueles que o seguiram foram destruídos junto com a antiga Nárnia.

Podemos comparar essa última história com o fim dos tempos relatado no livro de *Apocalipse*, onde surgirá um falso profeta (no livro das *Crônicas de Nárnia*, esse falso profeta seria o macaco Manhoso), que tentará enganar a muitos e irá conseguir, assim como Manhoso também conseguiu. Mas aqueles que se manter incorruptíveis serão salvos por Jesus Cristo, que no livro tem a figura de Aslam, e transportados para uma nova terra, onde não haverá mais guerra, nem tristeza. Assim como os personagens foram para uma nova Nárnia e alegraram-se de tal forma que as dores passadas não foram mais lembradas por eles.

Todos os livros trazem consigo características cristãs muito marcantes, que foram brevemente colocadas nos parágrafos anteriores para melhor contextualização e compreensão da obra. E por conta dessas características, todos os livros dessa coletânea de C.S. Lewis podem ser analisados com os estudos da intertextualidade.

1.3. O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa

Neste item, apresentaremos brevemente o enredo da obra escolhida para ser analisada neste trabalho.

A história se passa durante um período de Guerra, em que os irmãos Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia são mandados para um lugar distante, na casa de um velho professor, para que fossem protegidos das adversidades do momento conflituoso em Londres. Nessa casa, então, começam as aventuras dos irmãos nas terras mágicas de Nárnia, através do mágico guarda-roupa.

A primeira que descobre sobre o mundo desconhecido é Lúcia, uma criança. Na Bíblia existe uma passagem que pode nos lembrar o motivo de ter sido Lúcia a primeira encontrar Nárnia:

Naquele momento os discípulos chegaram a Jesus e perguntaram: "Quem é o maior no Reino dos céus?" Chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: "Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus. (MATEUS 18:1-4)

Quando todos estavam explorando a casa em que estavam hospedados, eles entram em um quarto vazio e logo em seguida se deparam com o grande guarda-roupa. Lúcia ficou encantada com o móvel e decide abrir a porta e entrar, enquanto os outros irmãos continuam com a visita aos outros cômodos da casa. À medida que Lúcia avança porta adentro, se depara com um lugar totalmente diferente de um interior de guarda-roupa, era um novo lugar, um bosque.

Pouco tempo depois de ter entrado pelo guarda-roupa, Lúcia conhece um simpático personagem, que irá acompanhar os irmãos na grande aventura, o senhor Tumnus, um fauno que a leva para tomar um chá em sua casa e contar um pouco da história de Nárnia.

No início as intenções do fauno em relação a criança não eram amigáveis pois ele iria entregá-la para a feiticeira branca, que já foi mencionada anteriormente em outro livro com o nome de Jadis. Entretanto o fauno se arrepende do mal que iria fazer e ajuda a menina a sair de Nárnia, pelo caminho em que ela tinha entrado.

Lúcia voltou para dentro do guarda-roupa, dentro do quarto vazio e começa a chamar seus irmãos, preocupada por ter estado distante por muito tempo, pede se eles não sentiram sua falta, porém como o tempo em Nárnia passa de forma diferente, eles não notaram a sua ausência. E é a partir dessa situação inusitada, que os irmãos se encontram envolvidos em uma trama que jamais imaginariam. No início ninguém acreditou em Lúcia, falaram que ela estava inventando e a menina, por dias, ficou inconsolada.

Contudo o tempo passou, e os irmãos decidiram brincar de se esconder, e Lúcia volta para o guarda-roupa, mas dessa vez Edmundo a segue e acaba também entrando no móvel e por consequência descobrindo Nárnia.

Ao entrar em Nárnia, Edmundo se depara com a figura da feiticeira branca, que depois de algum tempo conversando com o menino o promete muitas coisas com a condição de que na próxima vez que ele estivesse em Nárnia, trouxesse com ele os seus irmãos. Edmundo consente e fica encantando com a feiticeira, que muito ardilosa já estava maquinando muitas maldades e conseguindo a confiança de Edmundo, que já não era um bom menino.

Logo após esse momento, a feiticeira se despede e Edmundo é encontrado por Lúcia, que fica muito feliz pelo irmão ter estado naquele lugar junto com ela, e entusiasmada para contar a Pedro e Susana. Porém, mais uma vez Edmundo age com maldade, e diz para os seus irmãos mais velhos que Lúcia estava imaginando, e que nada daquilo que a menina contava era real.

Desde o início da história, Edmundo se mostra um personagem arrogante e traidor. Mesmo tendo estado em Nárnia com Lúcia, ele mente e faz questão de magoá-la, relatando o ocorrido como se fosse invenção da menina e a tratando como uma mentirosa. Pedro e Susana o repreendem, mas de nada adianta.

Os irmãos mais velhos, preocupados com a situação de Lúcia resolveram contar tudo ao professor, dono da casa em que estavam abrigados e depois de muita conversa o professor diz que talvez Lúcia realmente estivesse falando a verdade, diferente de Edmundo que já era conhecido por ser mentiroso. Depois disso, a situação melhorou e o assunto do guarda-roupa foi deixado de lado por um tempo.

Porém, quando os irmãos menos esperavam se viram encurralados em uma situação na qual precisavam se esconder da governanta da casa, que por

sua vez estava mostrando os cômodos do lugar para um grupo de turistas (a casa do professor era famosa e por conta disso, um ponto turístico). A governanta não gostava de crianças e a regra era que elas não a incomodassem, principalmente quando aconteciam as visitas. Por conta disso eles precisaram se esconder e o único lugar acessível era o guarda-roupa.

A partir dessa situação a aventura das crianças em Nárnia tem início. Quando percebem que estão em Nárnia todos ficam atônitos. Lúcia fica feliz por sempre ter dito a verdade e agora comprovada e vista pelos outros irmãos, os outros irmãos se desculpam por não terem acreditado em Lúcia. Já Edmund mesmo sabendo que estava errado, não reconheceu e agiu com indiferença.

Eles seguem até a casa do senhor Tumnus e acabam descobrindo que a Feiticeira Branca o prendeu por traição, já que foi ele quem abrigou Lúcia em sua casa e não a entregou para Jadis. Todos ficaram amedrontados em seguir a diante, mas o desejo de ajudar senhor Tumnus foi muito maior que o medo, então eles seguiram o caminho com o auxílio de um passarinho, que os guiou até a presença de um castor. O castor, por sua vez, os guiou até a sua casinha, e explicou que tinha sido instruído pelo senhor Tumnus a encontrar-se com as crianças.

Todos de bom grado seguiram o simpático Castor até sua casinha (onde sua esposa estava preparando um delicioso jantar), todos exceto Edmund que já planejava em sua mente, mesmo que sem perceber, a traição. Seguiu só pelo fato de que estava faminto e na casa do castor iriam encontrar comida.

Depois de se fartarem no jantar, o castor começa a contar as crianças sobre o que tinha acontecido com senhor Tumnus, de como a Feiticeira Branca tinha o prendido e levado para o seu castelo e que possivelmente iria transformá-lo em uma estátua de pedra, então todos se compadecem e se voluntariam para ajuda-lo, porém o castor diz que apenas um pode tirar o senhor Tumnus dessa situação, apenas Aslam seria capaz de libertá-lo, pois apenas o Leão seria capaz de libertar o fauno das mãos da Feiticeira.

Então as crianças cheias de dúvida perguntam muito sobre Aslam, se era um homem, se era temível, como ele era. E assim o castor os explica aquilo que precisariam saber para aquele determinado momento, e por fim os revela sobre uma certa profecia, motivo pelo qual eles tinham sido chamados para estarem em Nárnia. Quando de repente, todos percebem que Edmund não estava mais

com eles e tinha desaparecido, ou melhor, fugido para ir ao encontro da Feiticeira Branca, a traição tinha acabado de começar.

A história de Edmundo nos lembra de um personagem bíblico, chamado Judas, que traiu Jesus e o entregou por trinta moedas de prata:

Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes,
E disse: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E eles lhe pesaram trinta moedas de prata,
E desde então buscava oportunidade para o entregar. (MATEUS 26:14-16)

Assim como Judas, Edmundo traiu seus irmãos e Aslam para ter a oportunidade de comer o manjar turco mais uma vez, e pela ganância de se tornar um rei.

Os irmãos ficam preocupados com o menino que os traiu, mas nada podiam fazer a respeito, pois se fossem atrás dele, todos seriam sequestrados pela maldosa feiticeira e a profecia jamais seria cumprida. Edmundo, mesmo encontrando muito obstáculos, segue caminhando até o castelo de Jadis. Os outros irmãos, junto com os castores, seguem para o encontro de Aslam, onde tudo se encaminharia para o melhor.

É interessante observar como a história se divide entre bem e mal, entre os seguidores de Aslam e os seguidores da feiticeira, não existindo meio termo, e Edmundo é o exemplo daquele que seguiu pelo caminho errado. Assim como na Bíblia existe uma exortação em relação a isso:

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. (MATEUS 6:24)

Chegando ao castelo, Edmundo percebeu que realmente a Feiticeira transformava as criaturas que a desagradassem em estatuas de pedra e temeu por isso. Encontrando-se com ela, relatou tudo o que tinha ouvido do castor, revelando inclusive que Aslam estaria a caminho. Então, mais que de pressa, a Feiticeira prepara sua comitiva para a captura do restante dos irmãos, com o objetivo de tentar impedir o encontro deles com o Leão. A viagem foi longa e Edmundo começa a mostrar arrependimento, e percebe que a Feiticeira não iria

fazer dele um rei, mas que estava se aproveitando de sua infidelidade para conseguir atingir seus objetivos maquiavélicos.

Durante a viagem, o gelo começou a derreter e a primavera dava seus primeiros sinais, foi quando todos perceberam que Aslam havia chegado. As características felizes da primavera mostravam que Ele estava a caminho: céu azul, árvores, abelhas. E o gelo, que por muitos anos foi a paisagem de Nárnia, começava a derreter.

Diferente do cenário de Edmundo, que já estava com a Feiticeira, Pedro, Susana e Lúcia, precisaram fugir para que não fossem apanhados por ela. Felizmente encontraram abrigo e assim como Edmundo perceberam as mudanças na estação, pois o inverno estava indo embora, dando lugar para os raios de sol. As crianças se depararam então com o esperado momento: o encontro com Aslam, que foi magnífico, as crianças se sentiram em paz e seguras ao lado do grande Leão, mas os momentos de alegria seriam breves, a Feiticeira estava a caminho.

Avançando em direção a eles, a Feiticeira, agora com o pior plano que sua mente já havia maquinado: em troca de Edmundo, ela queria a vida de Aslam. E assim aconteceu. Mas ela não sabia que ao dar a vida por Edmundo, Aslam, por ser inocente, iria ressuscitar: “Saberia que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás” (LEWIS, 2009, p.181).

Essa cena nos lembra do sacrifício que Jesus fez na cruz por todos os pecadores, por toda a humanidade. Quando todos pensavam que ele havia morrido, ressuscitou ao terceiro dia, vencendo a morte. Aslam faz alusão à figura de Jesus Cristo e Edmundo à figura de todos os pecadores.

Finalmente, Edmundo se arrepende do mal que cometeu, juntando-se aos seus irmãos e passa a seguir pelo caminho do bem. A Feiticeira e seus seguidores são derrotados por Aslam e sua comitiva e todos aqueles que outrora eram estátuas de pedra foram libertados pelo Leão. A guerra entre o bem e as forças malignas teve fim, com os primeiros a se tornarem vencedores. Com isso, a paz reinou nas terras de Nárnia.

Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia foram coroados reis e rainhas de Nárnia pelo próprio Aslam e reinaram por bastante tempo em Cair Paravel, até que certo dia, eles seguem um veado branco que os conduz pelo caminho do guarda-

roupa, caminho pelo qual eles entraram nas terras mágicas. E foi assim que eles voltaram para a sala vazia do quarto da casa do professor, no mundo real. O tema central da história é a mensagem do evangelho, pois o sacrifício que o Leão faz para salvar a vida do menino é uma releitura, feita por Lewis, do sacrifício feito por Cristo para salvar o mundo.

2. CAPÍTULO DOIS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS TEORIAS DE INTERTEXTUALIDADE

2.1 Intertextualidade

Os estudos da intertextualidade nos levam a entender que um determinado texto sempre estará contido em outro. Um texto pode trazer também muitos outros textos dentro de seu contexto, criando assim um novo texto e firmando a sua originalidade. Porém, ao mesmo tempo em que se cruzam entre si, os textos nunca serão “cópias fieis” daquele que foi o ponto de partida, pois o autor, ao inserir a sua própria escrita, estará modificando e criando assim um novo texto, com traços de outro ou outros textos.

Ao lermos determinado texto, podemos encontrar em nosso subconsciente traços que podem ser identificados nesse texto, ou seja, usando o conhecimento de mundo, outras leituras, saberes prévios, podemos ler esse texto em questão e ao mesmo tempo lembrar, por exemplo, daquele que em algum outro momento já foi lido.

De acordo com Tiphaine Samoyault existem várias formas de retomarmos um texto já existente:

A retomada de um texto existente pode ser aleatória ou consentida, vaga lembrança, homenagem explícita ou ainda submissão a um modelo, subversão do cânon ou inspiração voluntária.

Citação, alusão, referência, pastiche, paródia, plágio, colagens de todas as espécies, as práticas de intertextualidade se repertoriam facilmente e se deixam descrever. Oferecem um conteúdo objetivo à noção sem, no entanto, eliminar desta última sua imprecisão teórica. (SAMOYAULT, 2008, p. 10).

Ao lermos um texto, estaremos automaticamente lendo também um outro, sem que esse outro seja o original, pois sofreu alterações quando foi reescrito com, por exemplo, novos pensamentos.

Pensando sobre a intertextualidade, Samoyault nos mostra que ela nada mais é do que a literatura inserida nela mesma, na relação consigo e com outros textos, de forma que a sua natureza esteja sempre em evidência, ou seja, é a memória que a literatura tem si mesma:

O que é ela, com efeito, senão a memória que a literatura tem de si mesma? Entre retomada melancólica, em que ela se contempla no seu próprio espelho, e retomada subversiva ou lúdica, quando a criação se subordina à ultrapassagem daquilo que a precede, a literatura não pára (sic) de lembrar e de conter um desejo idêntico, aquele mesmo da literatura. (SAMOYAUULT, p. 10, 2008).

Então, é a literatura se remetendo a ela mesma, é o texto em movimento, se modificando para dar sentido a outros textos: “E pensar diferentemente a história dessa memória da literatura é servir-se da tensão entre a retomada e a novidade, entre o retorno e a origem, para propor uma poética dos textos em movimento” (SAMOYAUULT, 2008, p.11).

O termo intertextualidade é um tema muito discutido por alguns teóricos e deixado de lado por outros, por conta de sua falta de precisão teórica que, de acordo com Samoyault, deve-se por sua bipartição de sentidos em direções distintas, fazendo que duas interpretações possam ser encontradas quando nos referimos e estudamos sobre a intertextualidade:

[...] uma torna-a um instrumento estilístico, linguístico (sic) mesmo, designando o mosaico de sentidos e de discursos anteriores, produzido por todos os enunciados (seu substrato); a outra torna-a uma noção poética, e a análise aí está mais estreitamente limitada à retomada de enunciados literários (por meio da citação, da alusão, do desvio, etc.). (SAMOYAUULT, p. 13, 2008).

O movimento da língua, demonstrado por meio de sua comunicação e relação com outros textos, nos traz a intertextualidade.

Samoyault traz também em seu livro considerações e citações de Tzvetan Todorov que, estudando Bakhtin, mostra-nos que o movimento dos textos, da linguagem e da palavra, é, segundo Bakhtin, o próprio movimento da vida e consciência, sendo essa última “constantemente preenchida de elementos exteriores a ela, ingredientes trazidos por outrem e necessários à sua realização” (SAMOYAUULT, 2008, p. 20), ou seja, na vida estamos sempre nos observando do ponto de vista dos outros, mas é necessária essa observação para que a própria consciência se funda com o outro e seja completa em si mesma. A consciência então traz consigo resquícios daquilo que existe no “plano da consciência dos outros homens” (SAMOYAUULT, 2008, p. 20).

Portanto, trazendo o intertexto para a literatura, podemos dizer que o primeiro sempre estará presente no segundo, pois a literatura sempre trará

consigo sua própria historicidade e seus próprios diálogos anteriores que, ao se fundirem com o texto, formam então um novo texto.

Julia Kristeva, teórica que introduziu o termo intertextualidade na década de 1960, baseando-se na obra de Bakhtin, nos mostra que:

O eixo horizontal (sujeito-destinatário) e o eixo vertical (texto-contexto) coincidem para desvelar um fato maior: a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de texto) em que se lê pelo menos uma outra palavra (texto). Em Bakhtin, aliás, esses dois eixos, que ele chama respectivamente diálogo e ambivalência, não são claramente distinguidos. Mas essa falta de rigor é antes uma descoberta que Bakhtin é o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo me nos como dupla. (KRISTEVA, 2005, p.68).

Voltando a ideia de movimentação da língua, Kristeva, a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin, conclui que “todo texto é uma absorção e transformação de um outro” (KRISTEVA, 2005, p. 68), ou seja, o que existe hoje em um texto já existiu em algum outro antes. Kristeva então nomeia de intertextualidade, a existência de um sistema de signos em outro.

Em seu livro *Introdução à Semanálise*, Kristeva, em concordância com a corrente de pensamento estruturalista, e com os estudos de Bakhtin, defende que a língua, ao estar estruturada em determinada sociedade, trará consigo a historicidade desse ambiente, componentes culturais e sociais que influenciem a escrita e os pensamentos daqueles que nela estão inseridos.

De acordo com Kristeva, a corrente de crítica literária russa, o Formalismo Russo, a qual Bakhtin confrontava, possuía um caráter construtivista e insistia sobre o caráter dialógico da comunicação linguística e considerava o monólogo, enquanto forma embrionária da língua comum, como posterior ao diálogo (KRISTEVA, 2005), ou seja, eles analisavam a estrutura do texto não levando em consideração as influências e os fatores externos a ele, diferente do estruturalismo. Ainda no mesmo parágrafo, a autora escreve que alguns pensadores dessa corrente consideravam a narrativa, ou mesmo o diálogo, como uma imitação artística do discurso monológico.

Voltando a Bakhtin, Kristeva nos traz que o pensador russo ao mostrar sobre a diferença entre as relações dialógicas e as relações propriamente linguísticas:

[...] sublinha que as relações sobre as quais se estrutura a narrativa (autor-personagem; podemos acrescentar sujeito da enunciação-sujeito do enunciado) são possíveis porque o dialogismo é inerente à própria linguagem. Sem explicar em que consiste esse duplo aspecto da língua, Bakhtin sublinha, no entanto, que "o diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem". Hoje podemos encontrar as relações dialógicas em diversos níveis da linguagem: da díade combinatória língua/fala; nos sistemas de língua (contrato coletivo, monológico, assim como sistema de valores correlativos que se atualizam no diálogo com o outro) e de fala (essencialmente combinatória, que não é criação pura, mas formação individual, na base de troca de signos). Em um outro nível (que poderia ser comparado ao do espaço ambivalente do romance), demonstrou-se mesmo o duplo caráter da linguagem: sintagmático (realizando-se na extensão, na presença e pela metonímia) e sistemático (realizando-se na associação, na ausência e pela metáfora). (KRISTEVA, 2005, p. 70-71).

Ou seja, ele quer dizer que, diferente do formalismo, o diálogo é parte principal, ou melhor, necessária para a linguagem, e sem ele a linguagem não teria vida. O dialogismo é então uma característica essencial da linguagem e as relações dialógicas são encontradas em diversos níveis.

Depois de explicado o conceito de intertextualidade, podemos avançar para a sua divisão entre intertextualidade explícita e implícita. De acordo com o trabalho de Razente, citando Kock, ela diz:

A intertextualidade explícita ocorre quando "há citação da fonte do intertexto" (KOCH, 2011) utiliza trechos, frases de outros textos ou autores, mastreando-lhe as fontes do intertexto, o que ocorre por meio de aspas, notas, citações do nome do autor e data do trabalho.

Já a intertextualidade implícita, ocorre quando, um texto está inserido a um outro texto produzido anteriormente, que faz parte do domínio de referências dos interlocutores, havendo assim a necessidade da ativação da memória enciclopédica para reconhecer o texto fonte. Pressupõe-se que as informações contidas nesse tipo de texto já façam parte do conhecimento textual do leitor. (RAZENTE, 2012 p. 35, 36,).

Então, intertextualidade explícita é aquela que podemos observar de forma direta por intermédio de algum trecho em determinado texto, que foi retirado de outro texto, por exemplo. E a intertextualidade implícita é aquela em que precisamos de conhecimento prévio, para que reconheçamos que

determinado signo está inserido em determinado texto. Digamos que na intertextualidade implícita devemos nos atentar nas entrelinhas para que venhamos observar o intertexto.

Ao lermos um texto, podemos ter essas percepções teóricas e ainda acrescentarmos nossos conhecimentos de mundo, ou seja, o texto sempre estará em movimento, sendo modificado a cada novo olhar, na leitura de cada leitor, pois cada um possui um modo de pensar diferente, um ponto de vista que se difere do outro. Ainda seguindo a linha de raciocínio do trabalho de Razente:

Todo texto mostra a perspectiva de uma multiplicidade de interpretações e leituras, ou seja, as intenções de seu produtor podem ser as mais variadas. A interpretação de um texto consiste na apreensão de significações possíveis representadas por meio de marcas linguísticas. Marcas essas que funcionam como pistas para que o leitor compreenda adequadamente. E ainda essas pistas tornam-se possíveis de recriação através de sua vivência, de seu conhecimento e sua visão de mundo. A cada nova leitura de um texto será permitido descobrir novas significações, sendo este um fator de motivação, despertando-lhe o prazer pela leitura e assim percebendo que pela sua reconstrução ele mesmo faz parte do texto, acaba por recriá-lo, tornando assim seu co-autor (sic). (RAZENTE, 2012, p. 41.).

Inúmeras são as interpretações de um texto, e cada leitor fará sua contribuição ao lê-lo. O autor pode ter tido um objetivo X ao escrever determinado texto, mas o destinatário pode ter encontrado mais que apenas o X em sua leitura e em sua interpretação, de acordo com sua bagagem literária e cultural e seu conhecimento de mundo. Assim, ele contribui para a movimentação do texto, que nunca estará acabado. É notável, portanto, que a intertextualidade está sempre presente nos textos e é um dos elementos que reforça o diálogo entre textos e os mantém em constante construção e em constante movimento. No tópico a seguir, discorreremos um pouco mais sobre o tema e falaremos sobre a diferença entre intertextualidade e hipertextualidade.

2.2 Intertextualidade e Hipertextualidade

Seguindo ainda a apresentação de Samoyault em *A Intertextualidade* (1968), a teoria da intertextualidade passou por várias revisões desde que se originou com Bakhtin e Kristeva. A abordagem de Kristeva a partir de Bakhtin começou a ser considerada muito ampla pelos teóricos que os sucederam na

reflexão sobre o tema, portanto, esses sucessores abordaram a questão na tentativa de restringir sua definição.

Entre eles, temos Roland Barthes que mantém a definição bem próxima da de Kristeva, dizendo que: “todo texto é um tecido novo de citações passadas” (BARTHES *apud* SAMOYAULT, 2008, p. 23), e liga essa definição com a citação desde seu artigo “Teoria do Texto” publicado na *Encyclopedia universalis*.

Barthes deixa claro também que a intertextualidade não é apenas uma questão de fontes ou influências, e em 1973 torna sua definição mais precisa dizendo que “o intertexto é a impossibilidade de viver fora do texto infinito – que este texto seja Proust, ou o jornal cotidiano, ou a tela de televisão: o livro faz o sentido, o sentido faz a vida” (BARTHES *apud* SAMOYAULT, 2008, p. 24).

Em seguida, Michael Riffaterre aborda o assunto do ponto de vista da leitura, atribuindo ao leitor a responsabilidade de reconhecer a relação intertextual presente no texto. Como indica Samoyault, ele define o intertexto, o qual ele difere da intertextualidade, como:

[...] ‘o fenômeno que orienta a leitura do texto que governa eventualmente sua interpretação, e que é o contrário da leitura linear’ – é aí uma categoria de interpretância e designa qualquer índice, qualquer traço, percebido pelo leitor, sejam eles citação implícita, alusão mais ou menos transparente ou vaga reminiscência, que podem esclarecer a organização estilística do texto (‘conjunto dos textos que encontramos na memória `leitura de uma dada passagem’) (SAMOYAULT, 2008, p. 25)

Ele admite também que, uma vez definido, o intertexto, como um efeito da leitura, não se mantém sempre linear em sua cronologia. Ou seja, o leitor é o principal agente em determinar a relação entre os textos e se na sua leitura ele consegue captar relações com obras anteriores ou sucessoras.

Essa concepção de Riffaterre é muito abrangente justamente pela dependência do leitor de identificar ou não as relações intertextuais, tornando difícil uma classificação tipológica, mas é importante porque anuncia as concepções restritas, como, por exemplo, de Gérard Genette.

Gérard Genette é considerado por Samoyault como autor da obra decisiva para a mudança da definição da intertextualidade em *Palimpsestes* (1982), pois as definições anteriores são muito amplas o que o torna difícil de ser medido. A definição de Genette desloca a questão da linguística, na qual se originou com

Bakhtin e Kristeva, e a transfere para a poética. Seu trabalho é, segundo Samoyault, decisivo para compreender e descrever a noção em uma “tipologia geral de todas as relações que os textos entretêm com outros textos” (2008, p. 28).

E dessa forma a extensão original de Bakhtin e Kristeva é categorizada como geral de caráter dialógico, enquanto que a de Genette é considerada a formalização teórica que visa à prática.

Ao objeto da poética, Genette em seu livro *Palimpsestes* (2010), chama transtextualidade e o termo intertextualidade agora será designado a um de seus subitens. A transtextualidade é o conjunto das categorias gerais de que cada texto procede, ou como ele define é “a transcendência textual do texto, ‘tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos’” (GENETTE, 2010, p. 13) e repertoria cinco tipos (p.14-18):

Intertextualidade: Define-se por um texto estar presente simultaneamente em outro. Pode acontecer entre dois textos ou mais. Os exemplos desse tipo de relação é: a citação, o plágio e a alusão.

Em *Príncipe Caspian*, ao final da história quando Aslam está prestes a mandar as crianças de volta para o mundo real, há ocorrência da alusão:

Ao ver Aslam, os soldados telmarinos ficaram lívidos, seus joelhos começaram a bater, e muitos caíram de cara no chão. Nunca tinham acreditado em leões, e a descrença aumentava ainda mais seu terror. (Lewis, 2009, p. 389)

A menção de joelhos tremendo e levando os telmarinos à queda, remete à passagem de Romanos 14 versículos 9-11, na qual Paulo relembra a igreja de Roma que os crentes ficarão todos no mesmo nível quando estiverem diante do Senhor, e relembra as palavras do profeta Isaías:

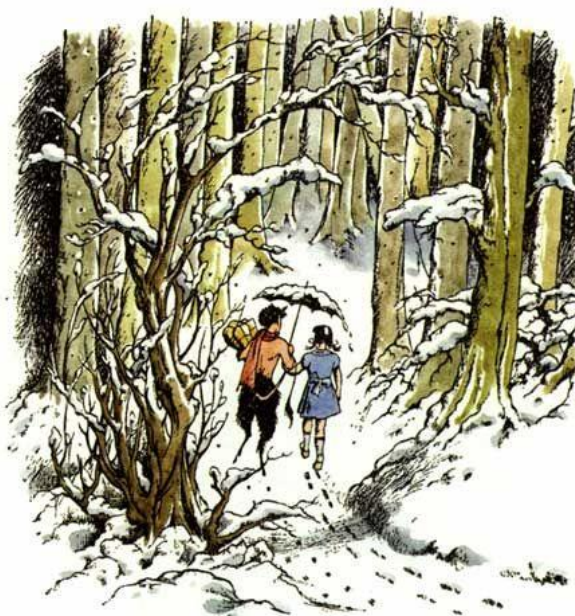
Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor. 9Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos. Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito:

Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus. (ROMANOS 14:9-11)

Ou seja, ninguém deve se achar superior aos irmãos, porque todo joelho se dobrará diante de Deus, ou seja, somos iguais perante o tribunal dele. E é o versículo 11 que pode ser reconhecido na narrativa de Lewis sobre a reação que sobreveio aos telmarinos diante de Aslam, seus joelhos se dobraram e eles caíram com rosto em terra.

Paratextualidade: relação do texto com os itens textuais que o acompanham, ou seja, seu paratexto, e pode ser título, subtítulo, prefácios, posfácios, prólogos, notas em geral, epígrafes, ilustrações, orelha, capa e tantos outros tipos de termos acessórios.

No caso da obra analisada, as ilustrações de Pauline Baynes são exemplos de paratextos.



O fauno, Sr. Tumnus e Lúcia seguindo para a casa do fauno na primeira visita dela a Nárnia. (Lewis, 2009, p. 100)

Metatextualidade: é comentário em um texto de outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo, é também a crítica.

Na passagem supracitada de Romanos temos um exemplo simples de metatextualidade, pois Paulo retoma o que havia sido dito pelo profeta Isaías e faz um comentário no versículo posterior:

Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor. 9Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos. Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito:

Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus.
Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.
(ROMANOS 14:9-12)

Arquitextualidade: conjunto das categorias gerais ou transcendentais, tais como: tipos de discurso, modos de enunciação, gêneros literários, etc. É a relação mais abstrata e de caráter puramente classificatório.

O livro de Provérbios contém exemplos de arquitextos, pois reúne, na sua grande maioria, textos curtos classificados como provérbios:

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo.
Como pendentes e joias de ouro puro, assim é o sábio repreensor para o ouvido atento.
Como o frescor de neve no tempo da ceifa, assim é o mensageiro fiel para com os que o enviam, porque refrigera a alma dos seus senhores.
(PROVÉRBIOS 25:11-13)

Hipertextualidade: é a relação que une um texto B, chamado de hipertexto, a um texto anterior A, hipotexto, do qual ele surge. E ela pode ser de dois tipos: transformação e imitação:

A *Eneida* e *Ulisses* são, sem dúvida, em diferentes graus e certamente a títulos diversos, dois (entre outros) hipertextos de um mesmo hipotexto: a *Odisséia*, naturalmente.

A imitação é, certamente, também uma transformação, mas de um procedimento mais complexo, pois – para dizê-lo aqui de maneira ainda muito resumida – exige a constituição prévia de um modelo de competência genérico (que chamaremos épico), extraído dessa performance única que é a *Odisséia* (e eventualmente de algumas outras), e capaz de gerar um número indefinido de performances miméticas. Esse modelo constitui, então, entre o texto imitado e o texto imitativo, uma etapa e uma mediação indispensável, que não encontramos na transformação simples ou direta. Para transformar um texto, pode ser suficiente um gesto simples e mecânico (em último caso, extrair dele simplesmente algumas páginas: é uma transformação redutora); para imitá-lo, é preciso necessariamente adquirir sobre ele um domínio pelo menos parcial: o domínio daqueles traços que se escolheu imitar. (GENETTE, 2010, p. 18-19).

A transformação pode consistir em contar uma mesma história de uma forma diferente, enquanto que a imitação pode consistir em contar outra história à maneira de outro autor.

Um exemplo de transformação é a descrição da criação de Nárnia se comparada com a narrativa bíblica da criação do mundo:

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante. A medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim. O capim se espalhava desde onde estava o Leão, como uma força, e subia pelas encostas dos pequenos montes como uma onda. Em poucos minutos deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo. (LEWIS, 2009, p. 59).

Na narrativa narniana, Aslam cria Nárnia com o seu canto.

Na narrativa bíblica, no livro de Gênesis, a criação acontece em resposta aos comandos de Deus que traz à existência toda a criação por meio de suas palavras:

Disse Deus: Haja luz; e houve luz. [...]
E disse Deus: Haja firmamento, e separação entre as águas debaixo do firmamento entre águas e águas.
Fez, pois, Deus o firmamento, e separação entre as águas sobre o firmamento. E assim se fez. (GÊNESIS, 1:3-7)

Segundo Samoyault, essa classificação de Genette é o que permite resolver a ambiguidade do termo *intertextualidade*, apesar de diminuir seu alcance crítico. Dentro da intertextualidade de Genette, ele lista três principais tipos: a citação, o plágio e a alusão.

A citação é o tipo de intertextualidade mais explícito, pois o autor tem a intenção de reconhecer que está usando parte de outras obras. Fazendo referência com marcação tipográfica.

Já o plágio é o uso não declarado de um texto anterior.

A alusão, por sua vez, ficaria em um espaço intermediário, pois faz referência implícita, que não é cópia, mas sim “um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro” (GENETTE, 2010, p. 14).

Este estado implícito, conforme explica Genette, é ainda mais explorada na obra de Michael Riffaterre:

[...] “a percepção pelo leitor de relações entre uma obra e outras, que a precederam ou a sucederam”, chegando até a identificar, em sua abordagem, a intertextualidade (como fiz com a transtextualidade) à própria literariedade: “A intertextualidade é [...] o mecanismo próprio da leitura literária. De fato, ela produz a significância por si mesma,

enquanto que a leitura linear, como aos textos literários e não literários, só produz sentido” (GENETTE, 2010, p.14-15)

Entretanto, Genette continua dizendo que por mais que a definição de Riffaterre parece uma ampliação se trata, na verdade, de uma restrição, porque as relações estudadas “são sempre da ordem de microestruturas semântico-estilísticas, no nível da frase, do fragmento ou do texto breve, geralmente poético” (2010, p.15). E, dessa forma, Genette aproxima a definição de Riffaterre com sua definição de alusão por tratar de detalhes da obra.

Sendo assim, segundo Samoyault, podemos distinguir as práticas intertextuais em dois tipos: primeiro de co-presença (A aparece no corpo do texto B), que na definição de Genette faz parte do grupo de intertextualidade; e segundo de derivação (A retoma e transforma B, a hipertextualidade de Genette); que na definição de Genette faz parte do grupo da hipertextualidade.

Faz parte do primeiro tipo: a citação, a alusão, o plágio e a referência, como descrito por Samoyault: “elas absorvem mais ou menos o texto anterior em benefício de uma instalação da biblioteca no texto atual” (2008, p. 48). E ela traz a citação de Genette:

Não há obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, não tenha evocado alguma outra e, nesse sentido, todas as obras são hipertextuais. Mas, como os iguais de Orwell, algumas o são mais (ou mais manifesta, maciça e explicitamente) que outras: Virgile travesti, digamos, mais que as Confissões de Rousseau. (Genette *apud* Samoyault, 2008, p. 48)

Então, é possível dizer que mesmo no nível da alusão podemos estabelecer uma relação de hipertextualidade. E sobre isso Genette explica que: “Antes de tudo, não devemos considerar os cinco tipos de transtextualidade como classes estanques, sem comunicação ou interseções” (2010, p.22), que quer dizer que onde houver um dos tipos da transtextualidade pode haver juntamente outro atuando junto com aquele. E ele segue com vários exemplos em que acontece de haver hipertextualidade junto com a arquiteitualidade, e desta com a paratextualidade, e ainda desta última com a metatextualidade.

Sendo assim, a ocorrência de uma não exclui a outra, pelo contrário, às vezes é improvável que haja uma sem a outra.

Posto isto, Samoyault ainda acrescenta informações às definições do primeiro tipo já mencionadas de citação, alusão e plágio.

A citação, diz ela, é claramente identificada por causa do uso das marcações tipográficas: aspas, itálicos, recuo do texto, tornando visível a relação do autor que cita com a biblioteca que usou, deixando transparecer o que está por trás do texto. E é justamente a falta das marcações tipográficas que caracteriza o plágio. Uma obra feita predominantemente de citações é chamada centão.

A diferença entre a alusão e a citação é que não há marcação que remeta a um texto anterior, dando a impressão assim de diminuir a heterogeneidade do texto. E nesse ponto se aproxima da definição de Genette que aborda a alusão mais como um efeito da leitura e identificação do leitor de referências implícitas.

E o plágio, além de ser um empréstimo não declarado, ainda tem o caráter de ser uma apropriação do enunciado alheio, o grande problema nesta prática e tomar inapropriadamente a propriedade literária de outro. Alguns autores, como Michel Schneider e até mesmo Barthes sugeriram que todas as obras podem ser compreendidas como plágio tomando a premissa de que tudo já foi dito alguma vez em algum lugar de alguma forma, o que se relaciona com a teoria de Bakhtin na definição de que todo discurso retoma um discurso anterior.

O segundo tipo que se caracteriza por derivação de outro texto, e não por relação de co-presença tem, segundo Samoyault, duas principais formas a paródia, que trata de transformação do texto, a qual pode ocorrer desde mudanças de estruturas simples, como palavras ou frases até mudanças de todo o estilo literário; enquanto o pastiche é a imitação do estilo da obra, mas com outro conteúdo.

A paródia, apesar de ter no senso comum uma denominação depreciativa, não se trata no discurso teórico de uma obra que resulta da depreciação de outra. A paródia pode ser, sim, do caráter lúdico e subversivo, mas também pode ser admirativa. Genette relacionou essa definição com a transformação.

O pastiche trata de uma imitação do estilo de um autor, como, por exemplo, Virgílio que decide contar a história de Eneias à mesma maneira que Homero contou a história de Ulisses. As histórias são diferentes, mas a maneira é o mesmo, sendo então pertinente dizer que Virgílio imitou Homero. Genette relacionou essa definição com a imitação.

O livro que escolhemos analisar, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, pode ser analisado de forma hipertextual, se compararmos o enredo da história com o dos evangelhos que conta a missão redentora de Jesus, e se compararmos o personagem Aslam com Jesus. O livro em questão também pode ser analisado de forma alusiva, pois, se analisarmos as entrelinhas da narrativa, encontraremos nelas outras referências sutis de outros livros da Bíblia.

No próximo capítulo, analisaremos *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* em relação a Bíblia à luz dos princípios teóricos da intertextualidade, estudados ao longo deste capítulo.

3. CAPÍTULO TRÊS: AS CRÔNICAS DE NÁRNIA E A BÍBLIA: ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE ENTRE O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA E A BÍBLIA SAGRADA.

3.1. A hipertextualidade em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*

A hipertextualidade em *As crônicas de Nárnia* é do tipo definida por Genette de hipertextualidade de transformação, pois Lewis não criou a narrativa narniana, ele contou a história da narrativa cristã de outra maneira, ou seja, *O leão a feiticeira e o guarda-roupa* é hipertexto dos Evangelhos do Novo Testamento bíblico.

A Bíblia é composta por diversos gêneros diferentes, predominantes da tipologia narrativa, e muitas vezes até se pode considerar gêneros próprios. Por exemplo, as epístolas de Paulo usam os parâmetros estabelecidos pelo gênero, porém são mais longas do que aquelas dos padrões daquele tempo, segundo Vilson Scholz¹, autor de *Princípios de interpretação bíblica: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários*.

O estudioso Santiago Guijarro² defende que o gênero literário dos Evangelhos faz parte do grupo de biografia antiga cuja principal diferença das biografias atuais é que a narrativa não segue uma ordem cronológica, e tinha por objetivo principal a exaltação do biografado.

Apesar do conjunto dos sete livros referente à *As Crônicas de Nárnia* receber o título de “crônicas”, elas se aproximam mais do gênero conto maravilhoso clássico, como ressalta Giuliana Azevedo em sua monografia³, cujas principais características são presença de personagens, lugares, tempos indeterminados historicamente, pela moral ingênua, conflito dualista e a presença entes maravilhosos.

O enredo de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* pode ser considerado um hipertexto dos Evangelhos, porque reconta a história da redenção, mas de outra forma, em outro gênero, apesar de algumas linhas de pesquisa apontarem para um caráter mais pagão do que cristão na obra de Lewis. Porém os elementos principais permanecem: uma terra corrompida com seu governo usurpado precisa ser resgatada por um Salvador de atributos divinos.

¹ Doutor em Teologia Exegética pelo *Concordia Seminary*, em Saint Louis, Missouri.

² Professor catedrático de Novo Testamento na Pontifícia Universidade de Salamanca (Espanha).

³ NOVOS RUMOS DA COMUNICAÇÃO RELIGIOSA: ENTRE A INDÚSTRIA CULTURAL E AS COLUNAS DO TEMPLO

Essa relação e outras relações hipertextuais da obra já foram analisadas em outras pesquisas, como, por exemplo, na monografia de Giuliana Azevedo, na monografia⁴ de Jessica Oliveira, na dissertação⁵ de Sabrina Gonçalves, entre outros. Essa relação é a forma intertextual mais proeminente na obra escolhida, e por ter sido amplamente discutida, a análise deste trabalho se dirigirá a outro aspecto mais sutil de intertextualidade, definida por Genette como alusão. Marcas sutis de referências bíblicas que também podem depender do reconhecimento do leitor, como abordou Riffaterre.

Nos parágrafos que seguem, faremos uma análise de seis trechos da narrativa de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* em relação às respectivas referências que podem ser encontradas na Bíblia.

3.2. Comparação 1: A loucura do cristianismo e a loucura de Lúcia

Neste primeiro trecho, temos a irmã mais nova, Lúcia, que foi a primeira a descobrir o portal no guarda-roupa, tentando convencer seus irmãos de que tinha descoberto a terra de Nárnia:

– Não é não, Pedro. É... é um guarda-roupa mágico. Lá dentro tem um bosque e está nevando. Tem um fauno e uma feiticeira. O nome da terra é Nárnia. Se quiserem, vamos ver.

Os outros não sabiam o que pensar, mas Lúcia estava tão agitada que todos a acompanharam à sala. Ela correu à frente, abriu a porta do guarda-roupa e gritou:

– Vamos, entrem, vejam com os seus próprios olhos!

– Mas que pateta! – disse Susana, metendo a cabeça lá dentro e afastando os casacos. – É um guarda-roupa comum. Olhem: lá está o fundo. (LEWIS, 2009, p. 112)

Eles, porém, não lhe deram crédito, considerando que tudo não passava de imaginação de criança. O que ainda se comprova nesse trecho:

– Cale o bico! – disse Pedro, furioso. – Você está sendo muito malvado com a Lu, desde que ela apareceu com a loucura do guarda-roupa. Você está abusando, querendo humilhá-la por causa disso. É por pura maldade.

– Mas tudo isso é um absurdo! – exclamou Edmundo, um pouco ressentido.

– Pois é isso que está me preocupando. Lu estava muito bem quando saiu de casa. Desde que chegou aqui, parece que não anda muito boa da cabeça. Ou, então, está virando uma grande mentirosa. Seja lá o

⁴ ARQUÉTIPOS EM AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: ASLAM E SUA RELAÇÃO COM O UNIVERSO CRISTÃO

⁵ O INTERTEXTO BÍBLICO NA LITERATURA JUVENIL: AS CRÔNICAS DE NÁRNIA, DE C. S. LEWIS

que for, não adianta você estar sempre zombando dela, chateando-a num dia, para dizer no outro que ela tinha razão. (LEWIS, 2009, p.122)

Como ela insistisse nessa ideia, os irmãos foram procurar o hospedeiro da mansão que estava responsável por eles, para compartilhar sua preocupação e começaram a considerar que Lúcia estava louca. Vemos no trecho:

– Mas o nosso medo não é que ela esteja mentindo – replicou Susana.
– Chegamos a pensar se ela não está doente da cabeça...
– Acham que ela está louca? – perguntou, calmamente, o professor. – Podem ficar descansados: basta olhar para ela, ouvi-la um instante para ver que não está louca. (LEWIS, 2009, p.123)

No texto de 1 Coríntios 1, versículos 18-21, Paulo também explicita aos coríntios que a mensagem da morte de Cristo na cruz é loucura para os descrentes:

Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito:

Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.

Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação.

Podemos ver que os textos se aproximam no aspecto de que parece loucura aos irmãos de Lúcia que Nárnia realmente existisse e que ela encontrara um portal para lá dentro do guarda-roupa. Mas, após verem com seus próprios olhos, passaram a acreditar. Essa atitude dos irmãos de Lúcia representa a atitude dos descrentes, mencionada por Paulo na passagem bíblica. Por outro lado, Lúcia, que teve a revelação da existência de uma terra fantástica, representa os crentes, que ao falarem do que creem soam como loucos aos que não creem. Essa comparação se faz pertinente porque Nárnia pode ser interpretada como a representação da jornada cristã, portanto a descoberta por Lúcia e a tentativa de contar aos seus irmãos essa descoberta representa a pregação. Para razão humana a pregação da salvação é loucura, assim como Lúcia relatando aos seus irmãos a existência da terra de Nárnia.

A relação intertextual da alusão entre esses trechos se dá pela palavra “loucura” que conecta o hipertexto ao hipotexto, de forma que, na narrativa narniana, a existência de uma terra mágica é inconcebível para os irmãos de

Lúcia na mesma medida em que, na bíblica, a salvação para uma vida eterna depois da vida terrena também é inconcebível para os descrentes, ambas consideradas como loucura. Ela é alusiva, pois em nenhum momento Lewis cita trechos da bíblia nem faz referência ao cristianismo na obra de forma explícita, mas ele utiliza vários elementos cristãos para dar sentido à narrativa narniana.

E é possível relacionar a situação ainda com a passagem de Mateus 5, versículos 10-11:

Felizes as pessoas que sofrem perseguições por fazerem a vontade de Deus, pois o Reino do Céu é delas.

Felizes são vocês quando os insultam, perseguem e dizem todo tipo de calúnia contra vocês por serem meus seguidores.

Pois os irmãos, por não acreditarem em Lucia, acabaram agindo como perseguidores, fazendo com que ela se sentisse desvalorizada, como podemos ver no trecho a seguir:

Lúcia ficou vermelha até a raiz dos cabelos. Quis murmurar qualquer coisa e desandou a chorar.

Durante alguns dias, sentiu-se muito infeliz. Podia resolver a questão num instante, bastando declarar que tinha inventado aquela história. Mas Lúcia gostava de falar a verdade, e tinha certeza de que não estava enganada. Os outros, pensando que era tudo mentira, e mentira boba, davam-lhe um grande desgosto. Os dois mais velhos faziam isso sem querer, mas Edmundo costumava bancar o mau, e estava sendo mau daquela vez. Zombava de Lúcia, chateando-a o tempo todo, perguntando se ela não tinha achado outras terras misteriosas nos numerosos armários que existiam por toda a casa. (LEWIS, 2009, p.113)

Essa comparação aproxima-se mais da abordagem de Riffaterre, porque tem maior dependência da percepção do leitor para relação do que de marcas presentes no texto. O leitor que conhece a narração bíblica consegue reconhecer que a atitude dos irmãos de Lúcia, principalmente de Edmundo, que é a representação na história dos descrentes, pode ser comparada com a perseguição que os crentes sofriam na igreja primitiva daqueles que não acreditavam no cristianismo.

3.3. Comparação 2: O poder desse nome

No segundo trecho escolhido, os irmãos já estão na terra de Nárnia, já descobriram que Lúcia falava a verdade sobre o guarda-roupa, e estão sendo

recepcionados pelo personagem Castor que lhes está contando sobre como toda Nárnia tem aguardado a chegada deles.

Em meio a sua narrativa, o Castor lhes conta sobre Aslam, conforme o trecho a seguir:

As crianças ainda não tinham ouvido falar de Aslam, mas no momento em que o castor pronunciou esse nome, todos se sentiram diferentes. [...]

Ao ouvirem o nome de Aslam, os meninos sentiram que dentro deles algo vibrava intensamente. Para Edmundo, foi uma sensação de horror e mistério. Pedro sentiu-se de repente cheio de coragem. Para Susana foi como se um aroma delicioso ou uma linda ária musical pairasse no ar. Lúcia sentiu-se como quem acorda na primeira manhã de férias ou no princípio da primavera. (LEWIS, 2009, p. 133)

Nesse trecho, há o começo da construção da figura imponente de Aslam, pois apenas de ouvir seu nome as crianças se sentem diferentes, e sentem diferentes emoções de acordo com seus caracteres.

Na Bíblia também há menção do poder do nome de Deus, que se manifesta em cada uma das três pessoas da trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Na passagem de Cântico dos Cânticos 1, versículo 3, há destaque para uma das características do nome do Filho que é comparado com o noivo: “Suave é o aroma dos teus unguentos, como unguento derramado é o teu nome; por isso, as donzelas te amam” (CÂNTICO DOS CÂNTICOS, 1:3)

Nessa passagem, escrita pelo rei Salomão, há a possibilidade de comparar o relacionamento do noivo e da noiva com o relacionamento de Cristo com a Igreja. Há também a valorização do nome do noivo, construindo igualmente a imagem dele como alguém tão excelente, que apenas seu nome já desperta o amor das donzelas.

A comparação que se estabelece entre esse trecho e Cântico dos Cânticos é pertinente pela relação entre a grandiosidade da fama e o poder de uma personalidade e seu nome, ou seja, tamanha é a importância do noivo em Cântico dos Cânticos, e de Aslam em Nárnia que apenas pela menção de seu nome os personagens se sentem impactados.

A questão das diferentes sensações causadas nas crianças pela pronúncia do nome de Aslam também pode ser referida às sensações descritas na Bíblia por, principalmente, dois diferentes grupos de pessoas, os fiéis e os

infiéis. E a diferença de sentimento está impescindivelmente ligada ao caráter das pessoas.

No Salmo 97, versículos 4-6 e 8-12 lê-se assim:

Os seus relâmpagos alumiam o mundo;
a terra os vê e estremece.
Derretem-se como cera os montes, na presença do Senhor,
na presença do Senhor de toda a terra.
Os céus anunciam a sua justiça,
e todos os povos veem a sua glória.
[...]
Sião ouve e se alegra,
as filhas de Judá se regozijam,
por causa da tua justiça, ó Senhor.
Pois tu, Senhor, és o Altíssimo sobre toda a terra;
tu és sobremodo elevado acima de todos os deuses.
Vós que amais o Senhor, detestai o mal;
ele guarda a alma dos seus santos,
livra-os da mão dos ímpios.
A luz difunde-se para o justo,
e a alegria, para os retos de coração.
Alegrai-vos no Senhor, ó justos,
e dai louvores ao seu santo nome.
(grifos nossos)

A presença do Senhor neste trecho causa júbilo e regozijo “às filhas de Sião”, que é a representação dos fiéis, que se alegram quando Ele se revela. A mesma presença causa temor e desfalecimento “à terra”, que é a representação dos infiéis, que ao se depararem com a revelação da presença de Deus não a podem suportar. Como acontecia com Edmundo: “Bastava o nome de Aslam para dar-lhe uma sensação misteriosa e horrível, assim como aos outros dava uma misteriosa sensação de encantamento” (LEWIS, 2009, p.142).

E ainda o salmo diz que: “vós que amais o Senhor, detestai o mal” e podemos perceber que, no enredo da obra de Lewis, Edmundo não era representação do tipo que detesta o mal, mas antes ele é a representação do egoísmo, da malícia, e, portanto, ao ouvir o nome de Aslam, que assim como o Senhor, é a representação da justiça, da bondade, ele estremece.

As outras crianças que são a representação dos fiéis, daqueles que acreditam e esperam pela manifestação de Deus, são preenchidas por sensações positivas, pois “a luz difunde-se para o justo, e a alegria, para os retos de coração” (SALMO 97:11-12). Sendo assim, o nome de Aslam lhe causam os melhores sentimentos.

A relação do nome com as sensações pode também ser verificada na passagem de Isaías capítulo 9 versículo 6: Ele será chamado de “Conselheiro Maravilhoso”, “Deus Poderoso”, “Pai Eterno”, “Príncipe da Paz”, na qual o nome do Salvador prometido é relacionado com seus atributos, ou seja, a Bíblia estabelece uma relação entre o nome e o caráter da pessoa, o que também acontece com a relação do nome de Aslam e seu caráter.

Ainda podemos relacionar o trecho com a passagem da segunda carta que Paulo escreveu aos Coríntios, no capítulo 2 e versículo 14 ao 16, na qual ele diz:

Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo e por meio de nós manifesta em todo lugar o aroma do seu conhecimento; porque para Deus somos o bom aroma de Cristo, tanto entre os que estão sendo salvos como entre os que estão perecendo. Para estes, somos cheiro de morte para morte, mas para aqueles, aroma de vida para vida.

O aroma do conhecimento de Deus é manifestado de forma que aqueles que o sentem por intermédio das pessoas que são o bom aroma de Cristo, podem demonstrar duas reações diferentes: vida ou morte. Cheiro de vida para aqueles que estão sendo salvos, ou seja, para aqueles que aceitaram o evangelho de Cristo, assim como Pedro, Susana e Lúcia, que mesmo sem terem conhecido Aslam antes, apenas de ouvir o seu nome já foram tomados por uma grande alegria e sensações agradáveis; e morte para aqueles que, como Edmundo, pereceram ao entregar seus corações para o caminho do mal.

Nesta segunda comparação podemos encontrar, seguindo a fundamentação teórica, a intertextualidade implícita, que de acordo com Genette é equivalente à alusão. Ou seja, quando Lewis descreve as sensações das crianças ao ouvirem pela primeira vez o nome de Aslam, ele retoma muitas passagens bíblicas de forma indireta, ou implícita. O poder que o nome de Aslam tem quando pronunciado é muito semelhante com o poder do nome de Deus, mencionado na Bíblia.

Inclusive, as sensações sentidas por Edmundo, personagem que se mostrou traidor, foram de horror e mistério. Sensações essas muito parecidas com aqueles que, de acordo com a Bíblia, são infiéis. Queremos dizer com isso que por mais que não existam no livro citações diretas das Escrituras, elas estão presentes, pois as histórias de Lewis são muito parecidas com o que encontramos na Bíblia.

Encontramos as sensações que a Presença do Senhor causa em determinadas pessoas em alguns versos do Salmo 97, e ao lermos esse salmo, podemos recordar o trecho do livro das Crônicas de Nárnia. Um faz referência ao outro, porém somente entenderemos as comparações feitas por Lewis se tivermos conhecimento prévio do Salmo 97, o que retoma a definição de Riffaterre sobre a percepção do leitor, e assim por diante, em todas as referências implícitas que o autor faz em sua obra.

3.4. Comparação 3: Diante das divindades

O terceiro trecho selecionado é contextualizado após a chegada dos quatro irmãos em Nárnia, no momento em que estão dialogando com o personagem Castor, que está lhes contando sobre a história de Nárnia. Ainda com relação ao efeito que a presença de Aslam pode causar temos:

Transformar ASLAM em pedra? Se ela conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo cara a cara, já é caso para dar-lhe os parabéns. Não, não. Ele vem botar tudo nos eixos. Assim diz um velho poema que costumamos cantar:

*O mal será bem quando Aslam chegar,
Ao seu rugido, a dor fugirá,
Nos seus dentes, o inverno morrerá,
Na sua juba, a flor há de voltar.*

– Quando vocês virem Aslam, hão de entender tudo.
(LEWIS, 2009, p.137)

Nesse trecho, logo em seguida do anterior, Edmundo, que não está gostando da narrativa do Castor sobre Aslam, porque ele já se comprometeu com a Feiticeira, sugere que o poder dela poderá subjugar-lo, o Castor, por sua vez, imediatamente responde como sendo impossível. E da frase que ele utiliza: “Se ela conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo na cara, já o caso de dar-lhe os parabéns” (LEWIS, 2009, p. 137) faz referência alusiva ao que acontece com meros mortais diante do Deus todo poderoso como se vê na passagem de Daniel 10 versículos 4-9:

No dia vinte e quatro do primeiro mês, estando eu à borda do grande rio Tigre, levantei os olhos e olhei, e eis um homem vestido de linho, cujos ombros estavam cingidos de ouro puro de Ufaz; o seu corpo era como o berilo, o seu rosto, como um relâmpago, os seus olhos, como tochas de fogo, os seus braços e os seus pés brilhavam como bronze polido; e a voz das suas palavras era como o estrondo

de muita gente. Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam. Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra.

O livro de Daniel faz menção ao exílio do povo hebreu na Babilônia, e nessa parte da narrativa, Daniel espera por uma resposta de Deus sobre o destino da nação exilada.

O trecho faz menção ao exato momento em que Deus aparece em visão para Daniel, que é profeta. Se Daniel, que é fiel, que é irrepreensível, e, como o salmista diz, reto de coração, não consegue ficar de pé diante da revelação, quanto menos os infiéis conseguiriam, sendo esta relação que podemos estabelecer com a fala do Castor.

Daniel caiu diante da manifestação da presença do Deus de Israel, enquanto que os homens que o acompanhavam foram tomados de grande medo e não suportaram permanecer naquele lugar. Da mesma forma, o Castor quer dizer que Jadis jamais conseguiria enfrentar o criador de Nárnia, o real detentor de todo o poder naquela terra, quanto menos transformá-lo em pedra.

A alusão também está presente nessa comparação porque relacionamos a hipótese estabelecida pelo Castor, de Jadis não conseguir ficar de pé diante de Aslam, com o fato de Daniel não ter conseguido ficar de pé diante da manifestação divina que lhe apareceu.

Esse trecho, porém, tem uma relação mais reduzida, porque é somente a circunstância de “não conseguir se manter de pé” que é semelhante, pois as pessoas que passam ou passariam por essa situação são de naturezas completamente distintas. Enquanto que Daniel é servo de Deus na narrativa cristã, Jadis é a inimiga de Aslam, a usurpadora do seu reino.

3.5. Comparação 4: Mudança de Estação

A próxima comparação se estabelece na cena em que Jadis está a caminho para capturar os irmãos de Edmundo, que segue com ela, cativo. Durante o percurso, Edmundo começa a notar que o clima está mudando. O reino glacial difundido por Jadis está se desfazendo, porque Aslam já está a

caminho para se encontrar com os filhos de Adão e as filhas de Eva que vieram para cumprir a profecia:

Era barulho de água corrente. Por toda parte, invisíveis, corriam fios de água – cochichando, conversando, cantando, borbulhando e até rugindo, distante. E o coração de Edmundo deu um pulo (mesmo sem saber o motivo) quando ele verificou que não havia mais geada. Gotejava dos ramos. Ao examinar atentamente uma árvore, viu desprender-se dela uma pesada crosta de neve: era a primeira vez, desde que entrara em Nárnia, que via o tronco de um abeto.

Os tapetes relvados iam aumentando e as extensões nevadas diminuía. De minuto a minuto, outras árvores decidiam sacudir os mantos alvos de neve. Não tardou que, para onde quer que se olhasse, em vez de vultos brancos, surgissem o verde-escuro dos abetos e os ramos negros e espinhosos dos carvalhos, das faias, dos olmos. Depois, o nevoeiro de branco passou a dourado, até desaparecer por completo. Deliciosos raios de sol projetavam-se sobre a floresta, enquanto, lá no alto, o céu azul olhava entre as copas das árvores. Outras coisas maravilhosas foram acontecendo.

Numa clareira de plátanos prateados, o chão estava todo coberto de florzinhas amarelas; o ruído das águas, cada vez mais forte. (LEWIS, 2009, p. 159)

A mudança de estação representa o enfraquecimento dos poderes de Jadis, porque o verdadeiro rei da terra de Nárnia está a caminho para redimi-la do poder da feiticeira.

Na passagem de Daniel 2:20-22, há também a revelação do poder que Deus tem sobre as estações da terra, que seguem seus comandos:

Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz. (DANIEL 2:20-22)

A mudança das estações associada à revelação de poder tanto de Deus, na Bíblia, quanto de Aslam na história faz menção a soberania de ambas as divindades. O poder deles sobre a terra que governam é tamanho, que toda sua estrutura física e natural está relacionada com sua presença e sua ausência.

A ausência de Aslam durante o domínio da feiticeira mostra como a terra sofreu e pereceu sem a mudanças das estações. Como podemos ver no seguinte diálogo entre o Sr. Tumnus e Lúcia:

– Ora, é ela quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela, aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal. Imagine só!
– Que horror! – exclamou Lúcia. (LEWIS, 2009, p.111)

E confirmando na fala do Papai Noel, quando finalmente consegue chegar a Nárnia novamente:

– Aqui estou, afinal! – disse ele. – Ela me impediu de vir durante muito tempo, mas acabei chegando. Aslam está a caminho. O poder mágico da feiticeira já começou a declinar. (LEWIS, 2009, p.153)

Ou seja, a terra de Nárnia foi privada de muitas interações boas sob o domínio autoritário de Jadis, pois o impedimento do Natal mostra como ela não desejava a prosperidade da terra de seus habitantes. Ela apenas desejava ter poder.

O que é comprovado pelo seguinte trecho, que ocorre durante a perseguição de Jadis aos irmãos de Edmundo, em que uma família de animais comemora o Natal depois da passagem do Papai Noel, e ao se deparar com a comemoração, Jadis os transforma em pedra, aparentemente sem motivo:

A pouca distância, debaixo de uma árvore, estava um grupinho alegre, do qual faziam parte um esquilo, com a mulher e os filhos, dois sátiros, um anão e uma velha raposa. Todos sentados em banquinhos em volta de uma mesa. Edmundo não conseguiu distinguir a comida, mas o cheiro era uma delícia e pareceu-lhe ver decorações próprias da época de Natal. [...]

Mas, logo que os membros do grupo viram o trenó parar e compreenderam quem ia nele, a alegria sumiu. O esquilo pai deteve o garfo a meio caminho da boca; um dos sátiros parou o garfo já dentro da boca; e os esquilinhos começaram a berrar de medo.

– Que audácia é essa? – perguntou a Feiticeira Branca sem obter resposta. – Falem, seus vermes! Ou preferem que o meu anão lhes abra o bico na ponta do chicote? Que esganação é essa? Onde é que foram arranjar esses enfeites? E esse pudim de passas?

– Perdão, Majestade – disse a raposa. – São presentes que recebemos. Se Vossa Majestade permite, bebo à saúde...

– Quem deu tudo isso?

– Foi o Pa... foi o Pa... foi o Pa-pai No-el – gaguejou a raposa.

– Quem?! – rugiu a feiticeira, saltando do trenó e chegando perto dos pobres animais apavorados. – Mas ele não esteve aqui! Não pode ter estado aqui! Como se atreve...

[...] Onde pouco antes estivera aquela turminha alegre, viam-se agora estátuas de bichos (um deles com o garfo de pedra a meio caminho da boca de pedra), todos sentados em torno de uma mesa de pedra, sobre a qual estavam colocados pratos de pedra e um pudim feito da mesmíssima pedra. (LEWIS, 2009, p.157-158)

A falta de justificação da maléfica déspota de Nárnia conduz-nos a interpretação que a simples manifestação de alegria e confraternização

incomodava a tirana, de modo que os “traidores” foram punidos sendo transformados em pedra.

Mas quando Aslam está a caminho, todo seu poder começa a perder a força, e o Natal volta como primeiro indício de que a estação está mudando. E em seguida a neve começa a derreter, e a primavera começa a aparecer:

A surpresa tinha sido tão grande para eles como para Edmundo, ao verem o inverno sumir e o bosque mudar, como se o tempo tivesse dado um grande salto. Nem mesmo sabiam ao certo (ao contrário da feiticeira) que era isso mesmo que devia acontecer quando Aslam chegasse a Nárnia. (LEWIS, 2009, p.162)

O que pode ser comparado à influência que Jesus também exercia nos lugares por onde andava. Ao lermos os evangelhos, podemos perceber que Jesus mudava o ambiente por onde passava, alegrando o coração daqueles que o seguiam e contemplavam seus feitos poderosos. Ele realizava milagres, curando enfermos, libertando cativos, multiplicando alimento. Incontáveis são os milagres que Jesus realizou nos tempos em que viveu na terra. Assim como Aslam, no livro, que ao chegar em Nárnia trouxe consigo mudanças, alegria e paz para aqueles que o seguiam.

A quarta comparação diz respeito à mudança de clima que acontece no ambiente quando Aslam aparece, e conhecendo a Bíblia, podemos estabelecer uma relação com as passagens em que Jesus realizou milagres e mudou o ambiente em que estava, por exemplo, e compararmos com os efeitos da aparição de Aslam. Também no livro de Daniel, quando ele diz: “Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações” (DANIEL 2:20-21). Então, Deus tem poder para mudar os tempos e as estações, e Lewis descreve isso a partir da figura de Aslam.

Portanto, é preciso de conhecimento prévio para saber que ao causar mudança de clima quando aparece, Aslam pode ser comparado com Jesus. E por precisarmos de conhecimento prévio para fazermos essa análise, podemos dizer que essa comparação se insere dentro da intertextualidade implícita e da definição de Riffaterre. Igualmente, pode-se dizer que Lewis faz uma alusão ao que está escrito na Bíblia.

3.6. Comparação 5: A voz divina

Quando Aslam finalmente aparece, as crianças sentem sensações dúbias e contraditórias ao mesmo tempo. Diante da gloriosa aparição, sua hesitação em avançar começa a deixá-los perturbados, mas quando decidem ir ao seu encontro a perturbação cessa ao ouvir sua voz:

– Seja bem-vindo, Pedro, Filho de Adão – respondeu Aslam. – Bem-vindas, Susana e Lúcia, Filhas de Eva. Bem-vindos, Sr. e Sra. Castor.

A voz, profunda e generosa, teve o efeito de um calmante. Ficaram alegres e animados, não mais perturbados por estarem ali sem dizer uma palavra. (LEWIS, 2009, p.164)

A voz de Deus também tem descrição especial no Salmo 29 nos seguintes versos:

A voz do Senhor é poderosa;
a voz do Senhor é cheia de majestade [...]
A voz do Senhor despede chamas de fogo.
A voz do Senhor faz tremer o deserto;
o Senhor faz tremer o deserto de Cades.
A voz do Senhor faz dar cria às corças
e desnuda os bosques;
e no seu templo tudo diz: Glória! (SALMO 29:4-5 e 7-9)

É possível estabelecer relação aqui com o poder que a voz de Aslam teve para acalmar as crianças, com o poder e majestade da voz de Deus descrita pelo salmista, voz que tem controle sobre toda a criação e toda a natureza, que evidentemente inclui o ser humano, que é o primor da criação.

Ambas as vozes apresentam poder de mudar as circunstâncias da criação e dos seres criados. Assim como Deus tem controle sobre sua criação, também o tem Aslam, que é o criador de Nárnia.

E ainda em João 10, versículo 27, há menção da voz do pastor que é reconhecida pelas ovelhas: “As minhas ovelhas escutam a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem”.

Ou seja, a representação do povo de Deus como ovelhas e de Cristo como pastor implica que é o pastor que as guia e protege de forma que ao simples som de sua voz, as ovelhas sentem segurança de segui-lo para onde for.

E no trecho de encontro das crianças com Aslam é como se, inconscientemente, elas estivessem reconhecendo que aquele era quem deviam seguir e que podia se sentir em segurança com ele, da mesma forma que as ovelhas reconhecem a voz de seu pastor e o seguem.

É notável que até esse momento do encontro as crianças não estavam tão certas de que deviam mesmo participar da luta ou cumprir a profecia da qual o Castor lhes falara. Sua maior, e talvez única, motivação para continuar em Nárnia foi o desaparecimento de Edmundo e o interesse deles em buscar ajuda de Aslam para resgatá-lo.

Ainda nesse momento do encontro, elas ainda não estavam tão certas de que podiam confiar nele até que ouviram sua voz, e foi quando ele pronunciou seus nomes que começou sua identificação como os filhos de Adão e filhas de Eva que deveriam cumprir a profecia.

Assim como Maria Madalena que, frente ao sepulcro aberto, não reconheceu o mestre antes que ele lhe chamasse pelo nome em João 20 versículo 16: “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Raboni (que quer dizer Mestre)!”.

Nessas comparações, portanto, ao escutarem a voz de Aslam, as crianças sentiram-se calmas e foram tocadas por tamanha majestade, pois grande foi o poder de sua voz. E o salmista, no Salmo 29, descreve a voz de Deus, como sendo tão poderosa a ponto de fazer tremer a terra. Mais uma vez Lewis, de forma indireta, descreve, na figura de Aslam, características de Deus.

Também quando Jesus diz que suas ovelhas reconhecem a sua voz, e quando Maria Madalena percebe que era o próprio Jesus que lhe chamava, mostra que sua voz é inconfundível, assim como foi a voz de Aslam para as crianças: única.

Então, de acordo com Genette, Lewis faz aqui uma alusão, quando, sem citar direta e explicitamente a Bíblia, fala sobre o que está escrito nela. Existe nesta comparação a intertextualidade indireta.

3.7. Comparação 6: Residindo na eternidade

A sexta comparação situa-se logo em seguida do encontro dos três jovens com Aslam:

– Venha, Filho de Adão; vou mostrar-lhe o **palácio** onde um dia será rei. [...] Aquilo, ó humano, é Cair Paravel, dos quatro tronos, num dos quais você há de sentar-se como rei. É o primeiro a vê-lo por ser o primogênito; e será o Grande Rei, acima de todos os outros. (LEWIS, 2009, p.159, *grifo nosso*)

Nessa fala, Aslam faz distinção entre Pedro e seus irmãos, por ser o primogênito, o que é muito presente na cultura judaico-cristã. Como por exemplo nessa passagem de Números 3:13:

Porque todo primogênito é meu; desde o dia em que feri a todo primogênito na terra do Egito, consagrei para mim todo primogênito em Israel, desde o homem até ao animal; serão meus. Eu sou o Senhor. (NÚMEROS 3:13)

O enunciador nesse texto é o próprio Deus, que diz que os primogênitos devem ser consagrados a ele, e por esse motivo recebem a benção da primogenitura, que é diferente das bênçãos com que o pai abençoa os outros filhos.

Essa determinação coloca o primogênito em lugar de destaque e maior autoridade e reponsabilidade que os demais filhos. No caso bíblico, os primogênitos herdaram o legado do pai, e também a responsabilidade de chefiar a próxima geração. Outra passagem importante sobre primogenitura está em Gênesis 27 versículos 18-19, na qual Jacó engana a seu pai Isaque para conseguir a benção do filho primogênito:

Jacó foi a seu pai e disse: Meu pai! Ele respondeu: Fala! Quem és tu, meu filho? Respondeu Jacó a seu pai: Sou Esaú, teu primogênito; fiz o que me ordenaste. Levanta-te, pois, assenta-te e come da minha caça, para que me abençoes. (GÊNESIS 27:18-19)

Isaque, desconfiado, tenta verificar a identidade do filho, porém por causa de sua avançada idade não consegue perceber que Jacó se disfarçou para se passar por Esaú e conseguir a benção. A benção do pai é uma tradição muito importante e séria na cultura judaico-cristã, como podemos verificar que, chegando Esaú para receber sua benção, Isaque lhe diz que já é tarde demais pois já a declarou sobre Jacó:

Mal acabara Isaque de abençoar a Jacó, tendo este saído da presença de Isaque, seu pai, chega Esaú, seu irmão, da sua caçada. E fez também ele uma comida saborosa, a trouxe a seu pai e lhe disse: Levanta-te, meu pai, e come da caça de teu filho, para que me abençoes. Perguntou-lhe Isaque, seu pai: Quem és tu? Sou Esaú, teu filho, o teu primogênito, respondeu. Então, estremeceu Isaque de

violenta comoção e disse: Quem é, pois, aquele que apanhou a caça e ma (sic) trouxe? Eu comi de tudo, antes que viesses, e o abençoei, e ele será abençoado. (GÊNESIS 27:30-33)

No caso de Nárnia, Aslam que é o criador e autoridade máxima a passa para Pedro, que é o primeiro entre seus irmãos. Ele será o “Grande Rei, acima dos outros”.

A relação alusiva nesse caso está na autoridade que está sendo passada de um mentor ao seu sucessor, no caso da Bíblia, e ao seu aprendiz, no caso de Nárnia. Deus destacou os primogênitos entre todos os filhos e esse princípio se perpetuou na cultura judaico-cristã na qual os primogênitos são os herdeiros legítimos e geralmente constituídos senhores sobre seus irmãos.

Aslam também outorgou maior autoridade a Pedro por ser o primogênito, portanto podemos estabelecer a relação de autoridade sendo transmitida com base na ordem de nascimento dos indivíduos em ambas narrativas.

Além dessa relação, também há nesse trecho relação intertextual com a passagem de João 14 versículos 1-3:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas **moradas**. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. (*grifo nosso*)

Momentos antes de ser levado para o processo de crucificação, Jesus revela aos discípulos que no reino de Deus Pai existem moradas que serão concedidas àqueles que persistirem na fé até o final da jornada terrestre.

De forma semelhante, Aslam diz a Pedro que tem um lugar preparado para ele e seus irmãos reinarem em seu reino, que é Cair Paravel.

A alusão com esse trecho acontece pela relação da palavra morada com a palavra palácio, ora, o palácio é a morada do rei, logo vemos conexão entre as duas definições. O fato de Jesus prometer morada no reino de Deus para nós significa que temos um lugar estabelecido nesse reino pelo Rei. Aslam, que também é Rei de Nárnia, também preparou um lugar para os dois filhos de Adão e as duas filhas de Eva, a saber, Pedro e Edmundo, Susana e Lúcia, ou seja, eles também tiveram um lugar estabelecido no reino de Nárnia que foi concedido pelo próprio criador e governante do reino.

Ainda podemos relacionar esse trecho com Lucas 12 versículo 33: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino”.

Da mesma forma que Deus decidiu compartilhar seu reino e seu governo com seus filhos, Aslam também decidiu que os Pevensie reinariam em Nárnia. Deus e Aslam são seres independentes que não precisariam de forma alguma dividir seu reinado com quem quer que fosse, porém escolhem fazê-lo. Eles escolhem se limitar para promover o progresso dos seres humanos.

Através da visão de leitura de cada um, é possível encontrar diversas interpretações diferentes para esses trechos do livro, pois ao lermos estamos interagindo com o texto, trazendo à memória aquilo com que outrora já tivemos contato, e trazendo também para a leitura a nossa própria visão de mundo. E essa particularidade de cada um faz com que uns lembrem-se de determinado versículo bíblico, outros se lembrem de outro, e talvez alguns não façam ligação nenhuma, por não terem tido contato com a Bíblia. Por isso o texto está sempre em movimento, o que se aproxima da perspectiva de Riffaterre.

Essas seis comparações são apenas algumas entre as possíveis comparações alusivas da obra, portanto pode-se afirmar que além do caráter hipertextual da obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa*, há também o caráter intertextual da definição de Genette, bem como da definição de Riffaterre e sendo assim, também das definições originais de Bakhtin e Kristeva.

Kristeva menciona que: “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”, (2005, p. 68) ou seja, podemos dizer que as Crônicas de Nárnia são um mosaico de alusões a Bíblia, pois trazem referências, mesmo que de forma indireta, de muitas passagens bíblicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* foi o primeiro livro da série a ser escrito e foi o primeiro livro do gênero infantojuvenil de Lewis. Depois de ter passado pelo lugar de apologista, Lewis percebe que a ficção seria um estilo de escrita que contemplaria, talvez, de forma mais efetiva as reflexões que ele queria propor. Para entender isso, é necessário se informar sobre toda trajetória de Lewis da fé ao ateísmo e do ateísmo a restauração da fé na qual percebemos como suas experiências influenciaram muito a escolha do autor pelo estilo de escrita de *As Crônicas de Nárnia*.

Por isso, em nosso primeiro capítulo trouxemos aspectos da vida do autor para entender que, ao longo de sua trajetória, ele precisou lutar entre os interesses intelectuais predominantemente apóstatas, e o encantamento pelo mito e pelo maravilhoso, pois esse entendimento torna a experiência de apreciação e estudo de sua obra mais enriquecedores.

Leituras de autores como G. K. Chesterton e George MacDonald, principalmente, em muito contribuíram para a construção de Nárnia, pois regaram a semente em Lewis que o fazia perceber o poder da ficção em proporcionar reflexões acerca de verdades da realidade. E ainda mais, o fariam acreditar em quão maior é o potencial de obras ficcionais do que as apologéticas, por exemplo.

Toda a experiência literária de Lewis o levou a conclusão de que o teísmo e, em seguida, o cristianismo eram indispensáveis para firmar um acordo de realidade coerente. O fato de ter sido ateu por anos torna seu ponto de vista ainda mais forte. Além da literatura, amigos como Laurence Johnson, Nevill Coghill e J.R.R Tolkien tiveram grande importância para estabelecer a convicção de Lewis na existência de Deus. Nesse sentido, ele quis, por meio de suas obras, transmitir as reflexões pelas quais passara. Um dos frutos foi a série de *As Crônicas de Nárnia*. Todos os livros da série estabelecem relações intertextuais com a Bíblia.

Ainda no primeiro capítulo, abordamos os enredos dos sete livros das crônicas para expor a riqueza de citações bíblicas que permeiam toda a obra. Os principais pontos de encontro são com os livros; *O sobrinho do Mago* que dialoga com a narrativa do livro de Gênesis na Bíblia; *O Leão, a Feiticeira e o*

Guarda-roupa que aborda a narrativa da redenção descrita nos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João); e *A última batalha* que traz o evento final, a consumação dos séculos descrita em Apocalipse da Bíblia. Além da clara relação de hipertextualidade em todos os livros das crônicas há também as marcas sutis de intertextualidade, que são consideradas, por Genette, como alusões.

No segundo capítulo discorremos sobre a trajetória do termo intertextualidade desde sua origem até os estudos mais recentes. Observamos que Bakhtin e Kristeva determinaram uma definição ampla de dialogismo e intertextualidade em que podemos afirmar que todo enunciado (em Bakhtin) e todo texto (em Kristeva) retoma um enunciado e um texto anterior.

Em seguida, há as definições de Riffaterre e de Genette. Riffaterre explora a intertextualidade como percepção de leitura e coloca a todo encargo do leitor perceber as referências ocultas e indiretas dos textos. Já Genette dedica-se a uma estruturação mais taxológica, classificando as diferentes ocorrências da intertextualidade. O termo intertextualidade na classificação de Genette designa um tipo restrito de relação entre os textos que faz parte da transtextualidade. A classificação de Genette complementa a teoria da intertextualidade que vinha sendo estudada até então.

Analisamos, no terceiro capítulo, seis ocorrências pontuais de intertextualidade retiradas de diversos capítulos do livro. Em cada uma delas, notamos que é possível perceber uma referência não declarada de diversas passagens bíblicas. Pudemos fazer relação tanto com a definição de intertextualidade implícita, como com a percepção do leitor sobre as passagens, como também com a definição de alusão de Genette.

Percebemos, na análise dos trechos escolhidos da obra de Lewis, que há semelhança entre a intertextualidade implícita e a alusão definida por Genette. Em cada um dos trechos analisados, notamos que é possível perceber uma referência não declarada de diversas passagens bíblicas. Portanto, a relação predominante é a alusão.

O texto de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* dialoga com seu texto anterior, a Bíblia, portanto satisfaz o prenúncio de Bakhtin quanto ao dialogismo e a infinita construção de enunciados a partir de enunciados anteriores.

Deste modo, a análise satisfaz igualmente a definição de Kristeva que ao introduzir o termo intertextualidade trouxe juntamente com ele, importantíssimos estudos que nos levam a um entendimento mais abrangente sobre o intertexto. De acordo com a autora, o texto é um cruzamento de palavras, um mosaico de citações anteriores e que juntas formam uma nova informação, um novo texto.

Por conseguinte, a definição de Riffaterre se faz presente também, pois para o leitor que não conhece bem o intertexto não será possível atribuir as relações analisadas neste trabalho.

E, enfim, satisfaz não só a intertextualidade de Genette, como também a hipertextualidade, pois como ele bem observou em sua obra *Palimpsestos* as classificações não são excludentes, podendo ocorrer simultaneamente.

As relações intertextuais segundo definição de Genette se apresentam no texto em forma de alusão, enquanto que a relação hipertextual se apresenta na medida em que a obra de Lewis retoma a narrativa dos Evangelhos bíblicos contando sobre a redenção da humanidade por meio de um Salvador chamado Jesus Cristo e a reapresenta em forma de conto maravilhoso, no qual Aslam salva a terra de Nárnia.

É possível ainda continuar a análise procurando por outros trechos alusivos nos outros livros de *As Crônicas de Nárnia*, que semelhantemente a *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* se inspiraram na narrativa bíblica para fundamentar seus enredos, e são permeados de referências ocultas, mas perceptíveis ao olhar atento do leitor e pesquisador experiente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giuliana Amaral. *Novos rumos da comunicação religiosa: entre a indústria cultural e as colunas do templo: Um estudo de caso da obra literária “As Crônicas de Nárnia”*. Monografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

BÍBLIA. *A Bíblia Vida Nova*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BÍBLIA. *Bíblia On-line YouVersion*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/> .

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução de Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Viva voz, 2010.

GONÇALVES, Sabrina Rosa. *O intertexto bíblico na literatura juvenil: As Crônicas de Nárnia, De c. S. Lewis*. Dissertação, PUC-RGS, Porto Alegre, 2015

GUTIÉRREZ, Jorge Luis. *Data, autor e local do Livro de Eclesiastes*. Horizonte, v. 14, n.42, p. 473, 2016.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à Semianálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz .São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia (Volume único)*. Tradução de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *Surpreendido pela Alegria*. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LIRA, E. E. P. *O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis. Leitura: Teoria & Prática*, v. 29, n. 57, p. 51-55, 2011.

MCGRATH, Alister. *A vida de C. S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

MOTA, Priscila Souza. *Uma proposta de estudo sobre as relações dialógicas entre As crônicas de Nárnia e o 1º e 2º capítulos do livro de Gênesis*. 2018. 108 f. Dissertação (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

OLIVEIRA, Jessica De. *Arquétipos em As Crônicas de Nárnia: Aslam e sua relação com o universo cristão*. Monografia (Licenciatura em Letras) – UTFPR, Pato Branco, 2018.

RAZENTE, Gleice. *A Importância da Intertextualidade na Formação do Leitor*. 2012. 91 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitri. São Paulo: Hucitec, 2008.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de interpretação bíblica: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários*. Canoas: Ed. Ulbra, 2006, 236p.

SEGANFREDO, Antônio César. GUIJARRO, Santiago. *Los cuatro evangelios. Coleção Biblioteca de Estudios Bíblicos, n° 124. Salamanca, Ediciones Sígueme, 2010, págs. 575 (ISBN: 978-84-301-1730-7)*. ESPAÇOS - ITESP - SP, 2012, v. 20, n. 2, 83-97.

SILVA, Thayane Souza da. *A intertextualidade na obra as crônicas de nárnia –: o sobrinho do mago*. Traduzir-se: FIC/FEUC, Rio de Janeiro, ano 2016, v. 2, n. 3, p. 1-9, 2016.